

D: PG
12.5.87

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PSICOLOGIA EDUCACIONAL

A RELAÇÃO MÃE-FILHO E A PERMANÊNCIA EM CRECHES

SÍLVIA PEREIRA DA CRUZ BENETTI

Prof. Orientador: Drª Vânia Maria Moreira Rasche

Porto Alegre, 1986

162277

BIBLIOTECA SETORIAL DE EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UFRGS

Drª VÂNIA RASCHE

Professora Adjunta do Departamento de Estudos Básicos e
Professora dos Cursos de Pós-Graduação em Educação da
UFRGS.

Ph.D. em Psicologia Educacional pela Universidade de Mi
chigan, USA, 1979.

FICHA CATALOGRÁFICA

B465r Benetti, Sílvia Pereira da Cruz.

A relação mãe-filho e a permanência em creches / Sílvia Pereira da Cruz Benetti.- Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 1986. 156f.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CDU: 159.922.7-055.521'52
373.22-055.52'765
301.165.2-055.521'52'562
159.942.001-053.2

ÍNDICES ALFABÉTICOS PARA O CATÁLOGO SISTEMÁTICO

Psicologia da criança: Mães
159.922.7-055.521'52

Crianças: Psicologia: Mães
159.922.7-055.521'52

Mães: Psicologia da criança
159.922.7-055.521'52

Creches: Mães: Trabalho fora do lar
373.22-055.52'765

Mães: Trabalho fora do lar: Creches
373.22-055.52'765

Trabalho fora do lar: Mães: Creches
373.22-055.52'765

Relações interpessoais: Mães: Filhos
301.165.2-055.521'52'562

Mães: Filhos: Relações Interpessoais
301.165.2-055.521'52'562

Filhos: Mães: Relações interpessoais
301.165.2-055.521'52'562

Emoções: Desenvolvimento: Crianças
159.942.001-053.2

Desenvolvimento emocional: Crianças
159.942.001-053.2

Crianças: Desenvolvimento emocional
159.942.001-053.2

Bibliotecária responsável:
Iara Ferreira de Macedo, CRB-10/430

Dedico este trabalho às mães e crianças que participaram nesta pesquisa com suas vivências e afetos.

E, uma especial dedicação a Antonio, Lúcia e Fernanda: força, compreensão e amor para o êxito desta tarefa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Vânia Rasche, pela orientação deste trabalho, que iniciada numa relação de ensino, expandiu-se afetivamente.

Agradeço também a todos que participaram neste trabalho, principalmente a Rosana Duzzo.

SUMÁRIO

| | |
|---|------|
| RESUMO | viii |
| SUMMARY | xi |
| 1 - INTRODUÇÃO | 1 |
| 1.1 - O problema: importância e justificativa. | 1 |
| 1.2 - Objetivos | 5 |
| 2 - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA | 7 |
| 2.1 - Introdução | 7 |
| 2.2 - A participação da mulher no mercado de trabalho | 8 |
| 2.3 - Processo de socialização | 12 |
| 2.3.1 - O desenvolvimento psicológico da criança na teoria psicanalítica | 16 |
| 2.3.2 - Relação mãe-filho | 31 |
| 2.3.3 - Estudos e pesquisas | 36 |
| 3 - METODOLOGIA | 46 |
| 3.1 - Introdução | 46 |
| 3.2 - População e amostra | 47 |
| 3.3 - Perguntas da pesquisa | 49 |
| 3.4 - Definição das variáveis | 49 |
| 3.4.1 - Desenvolvimento emocional | 49 |
| 3.4.2 - Relação mãe-filho | 53 |

| | |
|---|-----|
| 3.4.3 - Ocupação | 56 |
| 3.5 - Instrumentos | 57 |
| 3.6 - Procedimentos para a coleta de dados | 62 |
| 3.6.1 - Procedimentos para análise dos dados | 64 |
| 3.7 - Resultados | 68 |
| 3.7.1 - Caracterização da amostra | 68 |
| 3.7.2 - Análise dos resultados | 74 |
| 3.7.2.1 - Análise qualitativa ... | 74 |
| 3.7.2.2 - Análise quantitativa .. | 107 |
| 4 - DISCUSSÃO | 118 |
| 4.1 - Análise do Grupo A | 120 |
| 4.2 - Análise do Grupo B | 132 |
| 4.3 - Síntese | 142 |
| 5 - CONCLUSÃO E SUGESTÕES | 148 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 151 |
| ANEXO 1 - PROTOCOLO CORREÇÃO DO CAT | 155 |

RESUMO

Este estudo aborda a questão da permanência em creches de crianças cujas mães trabalham fora do lar. Considera-se, principalmente, a influência no desenvolvimento emocional destas crianças, analisando-se este importante aspecto a partir da relação mãe-filho.

A investigação foi feita da seguinte forma:

Constituíram-se dois grupos de mães - mães que trabalham fora do lar, Grupo A, e, mães que não trabalham fora do lar, Grupo B.

O Grupo A (mães que trabalham fora do lar) consistiu de 20 mães que se utilizavam do serviço de uma creche para o cuidado de seus filhos, durante todo o dia. O Grupo B (mães que não trabalham fora do lar) constou de 18 mães que permaneciam em casa durante o dia, colocando, opcionalmente, seus filhos em pré-escola, com finalidade recreativa.

Para a análise da relação mãe-filho foi realizada uma entrevista individual com as mães, onde vários itens foram considerados (concepção, gravidez, lactância, alimentação, relações de dependência-independência, controle dos

esfíncteres e sexualidade). Estes itens foram avaliados posteriormente e, conforme critérios estabelecidos, permitiram classificar a relação mãe-filho em duas categorias: satisfatória ou não satisfatória.

A partir dos grupos de mães se constituíram automaticamente os grupos de crianças. Foram avaliadas 38 crianças na faixa etária dos 3 anos e 6 meses aos 5 anos.

Para a investigação do desenvolvimento emocional das crianças foi utilizado o teste CAT (Bellak, 1981). O desempenho neste teste, acrescido de informações obtidas nas entrevistas com as mães, possibilitou a classificação do desenvolvimento emocional em 3 níveis: (1) boa integração de Ego; (2) integração regular de Ego; (3) integração fraca de Ego.

Os dados foram analisados qualitativa e quantitativamente. Da primeira análise constaram: (1) a análise individual de cada entrevista com as mães; (2) a classificação da relação mãe-filho (satisfatória ou não-satisfatória); (3) a avaliação dinâmica do teste CAT; e (4) a classificação do desenvolvimento emocional. A análise quantitativa constituiu-se da aplicação do teste X^2 . Os principais resultados evidenciaram haver uma associação significativa entre o desenvolvimento emocional e a relação mãe-filho, independente da ocupação materna (Grupo A ou B).

A análise qualitativa dos dados permitiu uma compreensão mais abrangente das características do Grupo A

(mães que trabalham fora do lar) e do Grupo B (mães que não trabalham fora do lar). Destaca-se que no Grupo A houve um maior número de casos com relação mãe-filho insatisfatória, bem como de integração regular e fraca do Ego.

A análise dos resultados permitiu concluir que a importância da relação mãe-filho se sobrepõe à ocupação materna, mas que condições mínimas para a frequência de creches devem ser observadas, como um número de horas adequadas de permanência e disponibilidade afetiva dos pais quando junto da criança.

SUMMARY

This study focuses on children staying in day-care centers while their mothers are at work. One of the main aspects considered is the emotional development of these children and this is done by analyzing the mother-child relationship.

Two groups of mothers were formed, those who work, Group A, and those who stay at home, Group B.

Group A consisted of 20 mothers who used all-day care for their children. Group B consisted of 18 mothers who stayed home during the day and, optionally, sent their children to pre-school for recreation purposes.

An individual interview was held, with the mothers to analyze the mother-child relationship, considering several items (conception, pregnancy, breast-feeding, feeding, dependence/independence relationships, sphincter control and sexuality). These items were then assessed and allowed the use of established criteria to classify the mother-child relationship as satisfactory or unsatisfactory.

The groups of children resulted automatically from the groups of mothers. Thirty-eight children were assessed

in the age group of 3 years and 6 months to 5 years old.

The CAT test (Bellak, 1981) was used to study emotional development in these children. The performance in this test, plus information obtained during the mothers' interviews, permitted the classification of emotional development in three levels: (1) good Ego integration, (2) fair Ego integration, (3) weak Ego integration.

The data were qualitatively and quantitatively analyzed. The first analysis included the following: (1) the individual analysis of each interview with the mothers; (2) the classification of the mother-child relationship (satisfactory or unsatisfactory); (3) the dynamic assessment of the CAT test; and (4) the classification of emotional development. The X^2 test was applied for the quantitative analysis. The main results showed a significant association between emotional development and the mother-child relationship, that was independent of the mothers' occupation (Group A or B).

The qualitative analysis of the data allowed a broader understanding of the characteristics of Group A and Group B. It should be emphasized that in Group A was found a greater number of cases of unsatisfactory mother-child relationships besides fair and weak Ego integration.

From the analysis of results it was concluded that the mother-child relationship is more important than the mother's occupation, but that minimal conditions must

be observed as far as attendance at day-care centers is concerned, such as an adequate number of hours at the day-care and the affective availability of the parents when they are with their child.

1 - INTRODUÇÃO

1.1 - O problema: importância e justificativa

Com a participação da mulher em atividades produtivas ocorreram mudanças na estrutura familiar no sentido de sua organização e cuidado dos filhos.

Estando a mãe ausente de casa, grande parte do dia, a família vê-se frente ao problema de encontrar uma substituição eficaz para o cuidado dos filhos.

O problema do cuidado dos filhos durante a ausência materna se configura de forma distinta nas diferentes classes sociais. Nas classes de maior renda é auxiliado por babás ou enfermeiras, contrastando com as de baixa renda, onde a criança, muitas vezes, é deixada só, durante a ausência materna (Campos, 1979).

Para esta finalidade existem os serviços assistenciais como creches e pré-escolas, atendendo o recém-nascido até a idade dos 6 anos.

Justamente nesta faixa etária, a infância, considerada desde o nascimento até os 6 anos, é que se estrutura a personalidade do indivíduo, paralelo a grandes aquisi

ções cognitivas. Estudos e pesquisas como os de Piaget (1973,1976) demonstram a necessidade de experiências significativas para o desenvolvimento e estruturação da inteligência na criança.

Paralelo a isto, o desenvolvimento afetivo estimulado nos primeiros contatos com a mãe é determinado pelo vínculo mãe-filho no qual as necessidades da criança de amor, proteção, segurança são satisfeitas (Spitz,1974; Mahler,1974; Winnicott,1967).

Sintetizando este processo de desenvolvimento da criança, desde o seu nascimento até o final da infância, em termos de socialização, vê-se que esta fase se reveste de grande importância na estruturação do indivíduo.

A partir destas considerações surge a preocupação com o desenvolvimento das crianças cuidadas em creches bem como com a relação afetiva mãe-filho.

A importância desta relação evidenciada a partir do posicionamento de Winnicott (1967) e Spitz (1974), enfatiza a necessidade do bebê de receber cuidados constantes para o seu desenvolvimento afetivo e como fator básico está a qualidade desta relação. Não basta ser atendido nas necessidades fisiológicas, é preciso o envolvimento de carinho, atenção e amor.

Os estudos nesta área são relativamente recentes e se intensificaram com a necessidade da mulher de encon-

trar cuidados substitutos como as creches. Seguiram-se, então, estudos abrangendo as diferenças encontradas no desenvolvimento emocional, cognitivo, sobre os papéis de pais e outras formas de abordar o problema (Hock, 1980; Schachter, 1981; Blehar, 1974).

Uma análise mais complexa destas questões é a de Bronfenbrenner (apud Belsky & Steinberg, 1978), que organiza a análise deste problema em níveis ou planos de estudo, a saber, micro, meso, exo e macrosistema¹.

Por nível de microsistema se entende o ambiente imediato que cerca a criança. Neste nível, caracterizam-se as formas de cuidado de crianças em creches, ou por parentes, não-parentes, babás e questiona-se qual a influência destes diferentes cuidados substitutos sobre a socialização da criança.

A nível de mesosistema se verifica a interrelação deste ambiente imediato e a família. São as relações família-creche, família pré-escola, família e o cuidado substituto. Surgem aí as questões referentes aos pais como verdadeiros agentes de socialização, ou se ocorre a situação de delegarem aos serviços assistenciais a tarefa de educar seus filhos. Há influência na educação dos filhos pelos profissionais especializados que comumente trabalham

¹ Os termos foram traduzidos mantendo-se os mesmos radicais micro, meso, exo e macro do original.

nestes locais? Isto acarretará uma verdadeira troca de experiências ou implicará que os pais abdicuem de seus papéis?

Em termos de exossistema se coloca em questão as estruturas formais e informais que necessariamente não contém a criança, mas impõem e estruturam o meio que a cerca. Seguiriam-se questões como qual a influência que o cuidado dos filhos atinge e modifica a carreira da mulher, o próprio casamento, o trabalho, a renda familiar, dentre outros.

Em última instância pouco se conhece sobre a influência deste problema a nível da estrutura familiar, o papel da mulher, a maternidade, situações que caracterizam o nível de macrosistema.

Considerando-se a importância da relação mãe-filho, principalmente na infância, é corrente a preocupação do impacto sobre o desenvolvimento emocional e ligação afetiva das crianças a permanência em serviços assistenciais durante o dia enquanto a mãe trabalha (Hock, 1980; Schachter, 1981).

Esta problemática foi estudada através da análise da relação mãe-filho considerando-se ambas as situações: quando a mãe trabalha fora do lar e quando não trabalha fora do lar. Nos dois casos foi levada em conta a questão relativa à ligação afetiva existente entre mãe-filho, avaliando-se como é esta ligação e, através de indicadores

previamente estabelecidos, caracterizou-se se ela é satisfatória ou não.

Pretendeu-se desta forma verificar como a qualidade da relação mãe-filho (vínculo satisfatório ou não) interage com a situação da criança permanecer na creche ou quando permanece em casa com a mãe.

Configura-se, então, o seguinte problema para investigação:

- Qual a influência no desenvolvimento emocional em crianças nas seguintes situações:

- mães que trabalham fora do lar com relação satisfatória;

- mães que trabalham fora do lar com relação não satisfatória;

- mães que não trabalham fora com relação não satisfatória;

- mães que não trabalham fora com relação satisfatória?

1.2 - Objetivos

- Verificar o desenvolvimento emocional de crianças de mães que não trabalham fora do lar e que permanecem

em casa;

- verificar o desenvolvimento emocional de crianças de mães que trabalham fora do lar e que permanecem em creches;

- avaliar os diferentes vínculos, satisfatórios ou não em ambas situações (trabalhar fora ou não), entre mãe-filho;

- verificar a associação entre o desenvolvimento emocional das crianças e a relação mãe-filho, em ambas situações (trabalhar fora ou não);

- dar subsídios para uma maior compreensão desta área de pesquisa possibilitando um melhor atendimento à criança e orientação de mães.

2 - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 - Introdução

O cuidado das crianças esteve sempre vinculado à figura da mãe e à esfera familiar.

Em termos históricos a criação de instituições para o cuidado de crianças durante a ausência materna teve seu início na II Guerra Mundial, durante o período necessário para que as mulheres substituíssem aos homens na produção e, posteriormente, na reconstrução dos países, após o término da guerra (Campos, 1981).

O crescimento industrial dos países também foi um importante fator no crescimento destas instituições.

Paralelo a isto, a preocupação com situações de separação mãe-filho surgiram, através dos trabalhos de Anna Freud (1972) e Bolwby (1972), principalmente.

Até o momento, existem muitos trabalhos sobre o desenvolvimento de crianças cuidadas em creches, havendo estudos que não detectaram influência negativa no desenvolvimento em geral (Portnoy & Simmons, 1978), bem como estudos que concluíram ao contrário (Blehar, 1974).

Esta revisão bibliográfica aborda todos os itens considerados importantes para caracterização e embasamento teórico do problema em questão.

Para situar um aspecto mais amplo - a situação da mulher frente ao mercado de trabalho brasileiro - serão abordadas de forma geral as características de sua participação e a relação com o cuidado dos filhos.

Objetivando o problema para investigação, interessa a análise da relação mãe-filho, que pressupõe o estudo do desenvolvimento psicológico infantil e aspectos da maternidade e cuidado dos filhos.

Segue-se uma síntese de trabalhos e pesquisas na área, considerando-se aspectos metodológicos e teóricos.

2.2 - A participação da mulher no mercado de trabalho

A participação da mulher no mercado de trabalho está relacionada à estrutura produtiva que se modifica no curso da história e também é influenciada por fatores culturais.

No Brasil, quando esta estrutura era agrária, a mulher participava na força de trabalho com um índice elevado. Os dados do recenseamento de 1900 indicam um total de 45,3% de participação.

Em 1920 a participação é de 15,3%, caindo para

14,7% em 1950 e a partir daí, elevando-se para 17,9% em 1960 e 21,0% em 1970 (Saffioti, 1969).

Esta diferença deve-se, segundo Singer & Madeira (1973), ao fato de que num país em desenvolvimento ocorrem modificações relacionadas com o processo de industrialização. Num primeiro momento, quando a economia se vincula mais à agricultura e às empresas manufatureiras ou comerciais domésticas, a participação é grande. Com a industrialização, esta participação diminui ocorrendo migrações da população para áreas urbanas.

No transcorrer deste processo de industrialização a participação da mulher só volta a crescer quando o setor de serviços atinge um determinado estágio de desenvolvimento e oferta de empregos.

Através destes dados se pode analisar e verificar que quando a estrutura econômica era basicamente agrária não havia a necessidade de um cuidado substituto dos filhos durante o trabalho materno (isto porque o trabalho da mulher era, quase sempre, em casa).

Com a saída da mulher do núcleo familiar isto se modifica, surgindo a necessidade de creches.

É interessante observar que, analisando-se as taxas de atividade feminina (número total de mulheres que trabalham com relação ao total de mulheres no país), por estado civil, verifica-se que as solteiras contribuem com

um índice de 37,0% e as casadas com 9,0%, ficando o maior índice com as separadas, 44,4%. As questões explicativas destas diferenças apontam o casamento e o cuidado dos filhos como causas básicas (Abreu, 1977).

Miranda (1975) aponta como possíveis argumentos para esta discrepância a discriminação na oferta de empregos para as mulheres casadas, a dificuldade em deixar a casa e os filhos. Esta discriminação diminui para os níveis sócio-econômicos mais elevados.

Estes dados servem para ilustrar alguns aspectos da realidade brasileira quanto à participação da mulher em atividades produtivas.

A questão pertinente ao nosso estudo é o cuidado dos filhos durante a ausência materna. A legislação (CLT) obriga a criação de creches quando a empresa possuir um número de pelo menos 30 mulheres com mais de 16 anos de idade. No debate "A Creche e a Pré-Escola" (Campos, 1981) discutiram-se inúmeros aspectos deste problema.

Atualmente o número de creches é menor do que a demanda, em função do não cumprimento da legislação. Além disto, em termos de pré-escola, crianças maiores de 2 anos, o problema é o mesmo. Das 24 milhões de crianças menores que 7 anos são atendidas em programas 950 mil (MEC, 1976). Neste atendimento, quanto a esfera administrativa, a rede particular detém 44,1%, estando em primeiro lugar (SEC, MEC, 1973).

Outros aspectos levantados no debate relacionam-se com a qualidade e competência destes serviços e fundamentalmente com o significado da relação mãe-filho, nestas condições. Sabe-se da importância dos primeiros anos de vida para a estruturação da personalidade da criança, sendo a base deste processo a relação mãe-filho.

Considerou-se que este âmbito afetivo do problema das creches tem sido desconsiderado. Um exemplo é a localização das creches. É básico que esta se situe num local de fácil acesso para que a mãe possa atender ao filho na amamentação. Isto nem sempre tem sido observado, havendo a impossibilidade do deslocamento entre trabalho-creche.

Assim, este âmbito afetivo da questão das crianças que permanecem em creches emerge como um fator importante.

Desta forma, introduz uma maneira diversa de se encarar a problemática da mulher que trabalha e o cuidado dos filhos. Este cuidado não se refere somente às necessidades fisiológicas da criança, mas também à satisfação de suas necessidades afetivas, considerando como ponto principal o processo de socialização da criança em creches e pré-escolas.

2.3 - Processo de socialização

O desenvolvimento da criança:

A socialização da criança consiste no processo pelo qual o indivíduo adquire comportamentos, padrões de conduta e atitudes conforme o grupo a que pertença (Mussen, 1966; Hetherington, 1975).

Desde o momento de sua concepção até a velhice o indivíduo passa por contínuas experiências que estruturam sua personalidade. Este processo de desenvolvimento para fim de estudo foi dividido em campos ou áreas de investigação (afetivo, cognitivo, psicomotor) ou momentos evolutivos (infância, adolescência, idade adulta, velhice).

Dentre as teorias que estudam a criança e seu desenvolvimento destacam-se a teoria psicanalítica, a teoria da aprendizagem social e a teoria do desenvolvimento cognitivo.

A teoria da aprendizagem social surgiu a partir dos estudos e pesquisas sobre o processo de condicionamento no comportamento, com ênfase no estímulo a resposta e sua conexão (Skinner, 1970). Várias áreas de trabalho derivaram nesta linha, dentre elas a de Bandura (1963).

A principal característica dos trabalhos nesta linha é o estudo de aquisição de comportamentos sociais através do processo de imitação. O indivíduo pode adquirir

um comportamento imitando-o, sem ocorrer necessariamente o reforço.

A teoria do desenvolvimento cognitivo enfatiza basicamente que no processo de desenvolvimento humano as estruturas cognitivas e afetivas são emergentes naturais, resultantes da interação entre a criança e o ambiente, são funções adaptativas que se organizam através de estágios (Kohlberg, 1972).

A teoria psicanalítica se originou dos trabalhos de Freud (1892,1900), a partir das hipóteses fundamentais (a) que a vida mental é função de um aparelho com características de ser extenso no espaço e constituído de diversas partes e (b) a existência de um funcionamento psíquico inconsciente exercendo influência nos processos conscientes do indivíduo (1940).

Os conceitos de inconsciente, consciente e pré-consciente delinearão-se na teoria freudiana a partir de 1892-1900.

Estes conceitos introduzem uma distinção, em termos teóricos, das demais escolas que estudam o desenvolvimento da personalidade do homem. Isto porque coloca como fundamental para a compreensão da personalidade os desejos e motivos que não são conscientes e que exercem influência no comportamento.

Com a introdução do conceito de inconsciente,

delineia-se a primeira concepção do aparelho psíquico: o consciente, o pré-consciente e o inconsciente (Freud, 1915). O consciente se refere aos processos e conteúdos acessíveis à consciência. O pré-consciente inclui aqueles conteúdos que podem tornar-se conscientes num simples esforço da atenção. O inconsciente engloba os conteúdos que teriam acesso à consciência através de um esforço na superação das resistências.

Posteriormente, Freud introduz uma modificação na descrição dos fenômenos psíquicos com a colocação da forma estrutural do funcionamento psíquico, a saber, os conceitos de Ego, Id e Superego que não extinguem a importância do conceito topográfico anterior, consciente, inconsciente, mas ampliam a teoria (Freud, 1923).

A energia motivadora dos processos mentais também foi estudada por Freud que, a partir de uma base fisiológica, propôs um esquema de funcionamento mental, quanto à energia reguladora dos processos, baseado nos impulsos.

Convém distinguir entre instinto animal e impulso no homem. O primeiro se refere a uma capacidade inata de reagir a estímulos, pressupondo uma excitação a nível de sistema nervoso e uma resposta motora. Já o impulso também produz a excitação ou tensão, motivando o indivíduo para uma atitude de descarga, ambas geneticamente determinadas, que pode entretanto ser alterada pela experiência individual (Brenner, 1975).

No princípio de seus trabalhos Freud classificou os impulsos em sexual e de autoconservação. Posteriormente, com a introdução do conceito de Eros (1920), a divisão se dá entre os impulsos de vida (libido) e os impulsos de morte. A libido assume o papel de energia do impulso de vida, abrangendo o impulso sexual e de autoconservação. Em dualismo, está a pulsão de morte significando o retorno ao inanimado.

A libido durante o desenvolvimento do indivíduo manifesta-se numa determinada organização sob o primado de uma zona erógena, constituindo-se as fases: oral, anal, fálica e genital.

O estudo da sexualidade foi um dos marcos da teoria psicanalítica que desenvolveu e descreveu toda a sua evolução. Mais importante, foi a demonstração da existência da sexualidade desde o nascimento, manifestando-se peculiarmente conforme o momento evolutivo (Freud, 1905).

É a partir desta evolução das fases libidinais que será abordado o desenvolvimento psicológico infantil.

Também serão descritas a colocação teórica de Melanie Klein (1974), Mahler (1975) e Erikson (1976).

2.3.1 - O desenvolvimento psicológico da criança na teoria psicanalítica

Uma grande contribuição da psicanálise foi o estudo da sexualidade humana e a evidência de sua manifestação desde o nascimento.

A partir do desenvolvimento psicosexual pode-se averiguar a evolução da libido, através das fases libidinais.

Desde o nascimento, os impulsos estão presentes na criança criando estados de tensão e visando a satisfação de suas necessidades (Freud, 1940).

Num primeiro momento, em torno dos dois primeiros meses, a criança estaria num estado indiferenciado, sem organização. A partir de suas experiências com o mundo externo, o ego se organizaria gradualmente.

Basicamente, estas primeiras experiências com o mundo externo se dão através da mãe.

Este período, até em torno de 2 anos, corresponde à fase oral (Freud, 1905, 1940), ocasião em que a criança encontra prazer de sugar o leite, ingerir, sugar os objetos. A satisfação encontrada no ato de sugar, manifesta o prazer encontrado nesta atividade. Com o nascimento dos dentes ocorrem episódios sádicos, de morder os objetos.

A fase seguinte é a anal que se caracteriza pela

culminância das zonas erógenas vinculadas à função excretora.

O treinamento dos hábitos incentiva o interesse da criança pelo ato de evacuar.

A fonte de prazer neste momento reside no ato de reter e eliminar as fezes, entrando em jogo uma série de sentimentos vinculados principalmente à relação mãe-filho.

A criança sente o ato de reter e evacuar como um ato de dar ou receber, o que lhe permite um controle onipotente, exigindo ou não a presença da mãe. Desta forma, o comportamento da criança pode ser gratificador, expulsivo ou assumir uma conotação retentiva evidenciando conflitos na relação com a mãe.

Na fase fálica, em torno dos 4 anos, as zonas erógenas estão sob o primado dos órgãos genitais. É distinta da puberdade, pois neste momento o interesse maior é pelo falo e o temor de castração.

Este momento é de grande importância no desenvolvimento psicológico pois está em consideração a identificação sexual da criança.

Até então, tanto para o menino como para a menina, a relação de objeto mais significativa, isto é, com maior investimento, é a relação com a mãe. Portanto, o Complexo de Édipo, tanto para o menino como para a menina, inicia-se pelo desejo de gratificação genital, incluindo o de

sejo de possuir com exclusividade seu amor e atenção (Freud, 1923).

O menino, ao perceber o pai como um rival para a satisfação de seus desejos, começa a estabelecer uma relação ambivalente com ele, mesclada de amor, admiração, mas também de temor e raiva.

Em termos de conduta, o menino manifesta um interesse muito grande pelos órgãos genitais, ocorrendo atividades exploratórias e de masturbação (Freud, 1924).

Nas meninas, a proibição destas atividades somadas à constatação da ausência de pênis intensifica o temor de castração. O final do Complexo de Édipo para o menino se caracterizaria com uma identificação com o pai, permitindo a continuidade de uma relação carinhosa com a mãe; o contrário ocorre nas meninas.

Entretanto, Freud constatou a existência no indivíduo (1923) destas situações, o que levou a formular o Complexo de Édipo completo, positivo e negativo. Com isto quer dizer que também o menino se comporta como a menina, tendo uma atividade amorosa com o pai e hostil à mãe, o mesmo ocorrendo com a menina.

O Complexo de Édipo na menina se inicia pelo complexo de castração, ao constatar a inexistência do pênis. Sente-se inferiorizada, provocando intenso rechaço da mãe, devido à raiva. Volta-se para o pai como objeto de amor e desejo de ter um filho, substituindo o desejo de ter um

pênis.

A renúncia de seus desejos edipianos se dá pela própria frustração da realidade e a resolução se dá num processo gradual de identificação com a mãe, no sentido de ser capaz de ter e gerar filhos.

Em ambos casos, a resolução do Complexo de Édipo instaura o superego. Há uma diminuição das atividades masturbatórias e das fantasias sexuais. O investimento nos pais em busca de satisfação de seus desejos edipianos é transformado em identificação com os mesmos. "A instauração do superego pode ser considerada um caso de identificação bem sucedida com a instância parental" (Freud, 1932).

Pode-se dizer que todo este processo de identificação ocorre numa gradual construção e internalização de normas, que seriam núcleos do superego.

Além disto, são importantes as demandas do meio social, os valores, e tudo o que for considerado importante no meio que cerca a criança, podendo-se dizer que a influência é do próprio superego dos pais. Isto porque são os próprios pais que perpetuam os códigos sociais da sociedade (Freud, 1923).

Do ponto de vista da relação de objeto, o superego é o herdeiro das relações de objeto edipianos que agora estão internalizados na criança.

A severidade do superego não leva em conta somente

te a censura externa mas a própria agressividade da criança quanto aos desejos edípicos.

Por tudo isto, o superego assume uma função censora, isto é, a presença internalizada dos pais.

Seguida a fase fálica, manifesta-se o período de latência, momento em que ocorre uma diminuição sensível do interesse sexual e expansão das atividades da criança para novas experiências e objetos.

Na puberdade ocorre uma revivência dos conflitos infantis e atividade masturbatória. Entretanto, o início da vida adulta se dá com uma relação objetal não mais auto-erótica, onde, na relação com o outro, o indivíduo encontra satisfação e amor.

Uma colaboração importante para a compreensão do desenvolvimento emocional da criança foi o de Melanie Klein (1970, 1974, 1981).

Considera que desde o nascimento a criança manifesta uma organização egóica, visto que a fantasia é uma função do ego e estão presentes em todos os indivíduos pois são a expressão mental dos impulsos.

No caso do recém-nascido, este terá relações objetais primitivas na fantasia e na realidade, desde o nascimento.

É a partir do próprio nascimento que o bebê rece

be o impacto da realidade e a fantasia será a própria expressão de sua relação com esta realidade que, ora é gratificante e prazerosa, ora é frustrante e perseguidora. Tem como função a satisfação dos impulsos, mesmo prescindindo da realidade externa.

Nas primeiras semanas de vida o bebê tem pouca consciência da realidade que o cerca, a não ser pelas sensações básicas corporais, prazerosas ou não. Assim, a vida mental do bebê tem caráter narcisista e governada pelo princípio prazer-dor.

Através da observação de bebês se pode verificar a intensidade das emoções, tanto prazerosas como de ansiedade que são traduzidas nestas reações corporais.

O ego infantil nestas circunstâncias assume a configuração de um ego basicamente corporal.

O bebê vive num processo de identificação primária ocorrendo um processo contínuo de construção da realidade percebida, a nível de representação mental. Entretanto, a experiência da realidade é percebida de forma a satisfazer as necessidades do bebê, ocorrendo basicamente os mecanismos de projeção e introjeção como tentativa de manter eternamente o estado prazeroso (Riviére, 1982).

A fantasia do bebê é um misto da percepção distorcida das experiências por ele vivenciadas, mas encontra alicerce na realidade destas experiências.

As experiências desagradáveis como a fome e a conseqüente ausência do seio provocam uma descarga agressiva muito intensa que o Ego não consegue suportar ocorrendo a projeção de toda esta frustração para o exterior. A ameaça é sentida como perigo de morte e desde o princípio o instinto de morte é sentido como ameaça ao bebê, núcleo das demais ansiedades subseqüentes.

Até então, o seio e o bebê são uma coisa só, uma fusão onde não há a consciência do outro. Com o progresso dos aparelhos perceptivos e principalmente por tornar-se insuportável para o bebê o desconforto destas sensações angustiantes, surgem as relações objetais, a princípio relações parciais, pois são necessários objetos externos para descarregar toda a agressão e também como uma tentativa de adequar o estado narcisista, que por si só não é suficiente para manter o desconforto ausente.

O Ego se utilizando do mecanismo da introjeção tenta reter internamente todos os objetos bons e sensações prazerosas, projetando a agressividade.

Na formação do Ego como entidade distinta do Id estes processos de projeção e introjeção são a sua própria origem, é na própria projeção que se baseiam as relações objetais (Heimann, 1982).

A agressão projetada estabelece um círculo vicioso porque o desconforto retorna e é sentido como oriundo do exterior. Cria-se, assim, o temor aos objetos externos

originando também situações angustiosas que, entretanto, possibilitam ao bebê um crescimento emocional porque estimulam as relações objetais. Na projeção também ocorre que os impulsos libidinais são conjuntamente expelidos para os objetos exteriores. Desta forma, a criança começa a perceber objetos bons - carregados de libido - que a cercam. Por sua vez, estes objetos são reintrojados, o que fortalece o amadurecimento do Ego.

Neste sentido, o sadismo oral (morder o seio, objetos) estabelece também o núcleo do Superego e é determinante para um desenvolvimento saudável (Klein, 1981).

Isto porque aleitamento favorável não intensificará o sadismo ou favorecerá seu surgimento precocemente, antes que o Ego tenha condições de suportá-lo.

Até então, estava em consideração a posição esquizoparanóide, caracterizada pela cisão dos objetos - bons e maus - e o predomínio da ambivalência.

Através das experiências gratificantes os objetos bons prevalecem, o que permite a catexis libidinal de um estágio superior, onde a criança começa a integrar os objetos - objeto total. Concomitantemente, suas relações aprofundam em qualidade e complexidade, aumentando a riqueza do mundo infantil (Heimann, 1982).

Neste momento, introduzem-se as primeiras experiências edípicas caracterizadas por fantasias orais, anais,

uretrais, sobre a relação dos pais. Vê-se, então, que o progresso alcançado pelo Ego nas suas funções discriminativas da realidade imediatamente o colocam frente a novos conflitos muito complexos. Sinteticamente, os impulsos amorosos e destrutivos são intensificados frente ao ciúme e frustração e são traduzidos pelas fantasias de chupar, morder, dilacerar, engolir e incorporar o objeto, bem como de envenenar, queimar e expelir (oral, uretral, anal).

A fusão do objeto bom e mau, coisa temida até então, devido ao receio de destruição do objeto bom, é alcançada quando o bebê sente que o amor é mais forte que a agressão. A percepção de que o objeto amado também é o objeto odiado faz o bebê sentir sentimentos de culpa.

A dor da culpa pode ser tão intensa que o bebê não consiga suportá-la permanecendo na posição esquizo-paranóide. No desenvolvimento favorável a culpa aciona o mecanismo de projeção, colocando no exterior a origem de todo o sofrimento, mas ao mesmo tempo ocasiona uma necessidade de dar coisas boas, sentimentos amorosos ao objeto (a mãe), o que faz com que a criança sintase boa e gratificadora, conseguindo reparar os ataques agressivos.

A capacidade de amar é muito complexa e reside primeiramente na situação básica de o bebê querer procurar satisfação no exterior, ao mesmo tempo que tenha incorporado a imagem da mãe boa, amorosa e estável. A seguir ele procurará gratificar e ofertar coisas boas aos objetos.

O Ego da criança sendo suficientemente forte para suportar estes sentimentos, tanto de amor como de culpa, alcança um progresso considerável, com a organização das relações objetais, a diminuição do sadismo e uma maior integração das funções perceptivas.

A partir de uma visão mais vinculada à psicologia do Ego, os trabalhos de Margareth Mahler (1974) descrevem o processo de separação - individuação do bebê -, ou seja, o nascimento psicológico. Observando bebês e suas mães, descreve suas condutas, relacionando-as à construção do objeto permanente.

A partir de um vínculo simbiótico com a mãe, a criança constrói sua individualidade, adquirindo um sentimento de identidade individual. E o que é importante é que a individuação permite à criança um funcionamento autônomo na ausência materna.

Após o nascimento até em torno do primeiro mês a criança se encontra na Fase Autística Normal (1974), quando permanece num estado de sonolência, havendo uma ausência relativa da catexia de objeto, num estado de narcisismo primário. É através dos cuidados maternos que o bebê recebe que se inicia o processo de diferenciação das coisas que sente como boas e más.

A partir do segundo mês, inicia-se a Fase Simbiótica, quando o bebê começa a ter uma consciência relativa do objeto que satisfaz suas necessidades. Entretanto, o

que ocorre é um sentimento de unidade entre o bebê e a mãe, e não uma vivência de duas unidades separadas.

A fase da separação/individuação se inicia por volta dos seis meses, estendendo-se até o terceiro ano. Separação é o processo de saída da fusão simbiótica. Individuação é a construção pela criança de um sentimento de identidade própria. Neste momento, tem grande importância a disponibilidade afetiva da mãe.

Este terceiro momento se reveste de grande importância tendo Mahler inclusive classificado sub-fases de diferenciação progressiva da criança, englobando:

- sub-fase de diferenciação e desenvolvimento da imagem corporal (5º-9º mês);
- sub-fase de treinamento (9º-14º mês);
- sub-fase de reaproximação (14º-24º mês);
- sub-fase de consolidação da individualidade e início da constância de objeto (24º-36º mês).

Neste processo a criança evolui da relação simbiótica-materna, através da exploração do corpo e do espaço, afastando-se gradualmente desta relação. Enfrenta a angústia da consciência da separação tentando retomar a antiga relação. Finalmente alcança uma constância de objeto libidinal, uma "mãe interna" disponível durante a ausência real da mãe.

A criança suporta a separação da mãe adquirindo sua individualidade própria. Para isto, são fundamentais a confiança e segurança decorrentes da experiência repetida de alívio das necessidades pela mãe e aquisição cognitiva da representação do objeto permanente (mãe).

Os trabalhos de Mahler corroboram as opiniões existentes acerca da importância dos primeiros anos de vida da criança. O processo de separação-individuação é o nascimento do próprio indivíduo e falhas acarretaram em distúrbios graves, tanto a nível neurótico como psicótico.

A figura materna, através dos cuidados com a criança no atendimento de suas necessidades, é a fonte estável e reguladora de afeto que proporciona um vínculo afetivo determinante para o seu desenvolvimento.

Complementando as considerações teóricas discutidas é interessante mencionar os trabalhos de Erik Erikson (1976), pois integram aos estudos anteriores uma visão mais social. Descreveu o desenvolvimento psicológico, considerando o aspecto psicossocial e as fases libidinais, propondo oito estágios evolutivos (Erikson, 1976).

A epigênese da identidade seria um processo de crescimento humano, a partir de crises, conflitos internos e externos, dos quais surgiria um sentimento de unidade interior, um incremento na capacidade de "agir bem", de acordo com seus próprios padrões e aqueles padrões adotados pelas pessoas significativas para ela (Erikson, 1976, p.91).

É a partir da infância que se estrutura este sentimento de identidade, a capacidade de adaptação às necessidades da vida.

As crises evolutivas têm um sentido de desenvolvimento, um ponto crucial vulnerável de onde podem surgir os desajustamentos.

Os estágios evolutivos correspondem à:

1. Confiança Básica x Desconfiança
2. Autonomia x Vergonha e Dúvida
3. Iniciativa x Culpa
4. Indústria x Inferioridade
5. Identidade x Confusão de Papéis
6. Intimidade x Isolamento
7. Para além da Identidade
8. Integridade x Desesperança.

Interessam, aqui, os estágios que abrangem desde o nascimento até os 7 anos (estágios de 1 a 4).

A confiança básica x desconfiança corresponde ao primeiro ano de vida quando se estabelece o sentimento da confiança, requisito e condição do desenvolvimento.

Estas aquisições estão relacionadas à segurança encontrada na relação com a mãe, evidenciada principalmente através da amamentação.

"As mães geram um sentimento de confiança em seus filhos mediante aquela espē-

cie de administração que, em sua qualidade, combina a assistência sensível às necessidades individuais do bebê e um firme sentimento de idoneidade pessoal." (Erikson, 1976, p. 103)

A autonomia x vergonha e dúvida refere-se ao momento em que o controle esfinteriano se torna importante, caracterizando a analidade deste período e o prazer associados aos órgãos excretórios.

A condição de controle de expulsão das fezes e urina, a tensão decorrente deste processo de aprendizado, a necessidade de alterar a retenção e expulsão das coisas, introduzem o sentimento de autonomia.

Há possibilidade de controle do próprio corpo e do meio que cerca a criança. Quando ocorrem as perdas de controle, normais neste processo, surgem os sentimentos de vergonha e dúvida.

A partir dos 3 anos (iniciativa x culpa) o raio de ação da criança se expande, seus interesses se ampliam, amparados pelo incremento da capacidade de locomoção. É o sentimento de iniciativa, caracterizado por uma forma mais introsiva de agir significando uma maior exploração do espaço, das pessoas.

Aparecem os interesses sexuais, preocupação pelas diferenças anatômicas entre os sexos e a falta de pênis nas meninas.

Manifesta-se nesta fase o Complexo de Édipo que

Erikson descreve como o fato de que:

"os rapazes vinculam sua primeira afeição genital aos adultos maternos que, em tantos outros aspectos, proporcionaram conforto a seus corpos e que desenvolvam sua primeira rivalidade sexual contra as pessoas que são os donos sexuais dessas pessoas maternas. A menina ... sente-se vinculada ao pai e outros homens importantes, e tem ciúmes da mãe, um desenvolvimento que poderá causar-lhe muita ansiedade, porquanto parece bloquear sua retirada para essa mesma mãe, ao passo que torna a desaprovação desta magicamente muito mais perigosa, porque é secretamente merecida." (Erikson, 1976, p. 177)

Observa-se que a contribuição teórica dos autores mencionados caracterizam ângulos distintos no estudo do desenvolvimento emocional da criança que, longe de serem dissociados, têm muito em comum.

A partir de Freud delinearão-se estes estudos que contribuíram para uma visão mais completa do desenvolvimento, cada um introduzindo uma análise complementar.

Melanie Klein (1981) introduz uma análise mais complexa dos primeiros anos de vida da criança, que possibilita a compreensão das fantasias do bebê, os impulsos amorosos e destrutivos e todo o desenvolvimento psíquico.

Erikson (1976) estuda os aspectos sociais que interferem no indivíduo e Mahler (1974) observa a construção da relação objetal e suas manifestações a nível de conduta na relação mãe-filho, o processo de separação individualização.

Todas estas contribuições são importantes para a observação e compreensão do processo de desenvolvimento emocional da criança.

2.3.2 - Relação mãe-filho

Na teoria psicanalítica é na relação com a mãe que a criança se estrutura como indivíduo.

A princípio numa relação simbiótica (Mahler, 1974) onde ainda está em construção a sua individualidade, a criança vai gradualmente organizando seu universo e estabelecendo uma relação objetal, propriamente dita.

Inúmeros estudos têm demonstrado a importância desta relação afetiva (Bowlby, 1977; Spitz, 1974), evidenciando que, nos casos de privação do contato mãe-filho, ocorre uma inibição no desenvolvimento afetivo e cognitivo nas situações de depressão anaclítica e marasmo (Spitz, 1974).

Anna Freud (1972), no estudo dos casos de seis crianças órfãs da II Guerra, que após nascerem foram separadas dos pais e ficaram aos cuidados de terceiros, trocando freqüentemente de refúgio, encontrou a mesma evidência. Todas as crianças tinham sérios comprometimentos de desenvolvimento do Ego e condutas psicóticas.

Estes exemplos, onde a carência de cuidados se

deve a um impedimento real de uma verdadeira estimulação afetiva indicam, em sua essência, que a criança tem necessidades próprias, tanto fisiológicas, como afetivas, que precisam ser atendidas, a fim de se desenvolver adequadamente.

Estas necessidades ao longo do desenvolvimento se expressam em diferentes formas, mas se originam da mesma fonte: a necessidade de ser amado.

É nesta relação materna que a criança satisfaz estas necessidades e surge, então, outra variante desta relação, que é a mãe.

Winnicott (1967) considerou que no primeiro ano de vida a função materna seria de carregar a criança "holding"), manipulá-la e mostrar objetos.

Na forma de carregar o bebê ela demonstra sua capacidade de se identificar com ele e isto constitui um fator básico de cuidado. A manipulação dá início à construção do que é real e o que é irreal, pela própria vivência de sensações corporais. A demonstração de objetos é uma forma da criança se relacionar com o mundo concreto.

À esta capacidade de identificar-se com o bebê, satisfazer seus desejos, atendendo-o afetivamente, Winnicott chamou de preocupação materna primária. Os transtornos estão na mãe que não converge seus interesses para a criança e na que, ao contrário, toda a sua preocupação pas

sa a ser somente a criança.

Estes transtornos na relação originam-se primariamente na personalidade dos pais, expandindo-se à relação familiar em geral, incluindo irmãos, filhos, avós.

Desta forma, os transtornos na relação dos pais se refletirão na relação com os filhos. Assim, dependendo desta relação, a história da criança, desde o momento de sua concepção será particular e única. Cada filho terá um significado próprio dentro do contexto familiar, a partir da própria expectativa do sexo da criança.

O nascimento de uma criança é, a nível inconsciente, uma maneira de "*neutralizar as horripilantes imagens de danos causados ...*" (Winnicott, 1967), originada das fantasias destrutivas infantis da relação originária com os pais.

O nascimento, que tem o significado da vida, também é acompanhado por grande ansiedade do casal, pois todo o sentimento de amor também traz consigo a expressão de agressividade.

É na maternidade e paternidade que se expressam também os conflitos infantis originados na relação com os pais (Klein, 1970; Langer, 1978).

A maternidade está relacionada aos desejos infantis de ter um bebê do pai e o desejo de cuidá-lo. É a partir da admiração que a menina tem pelo pai e sua capacida-

de e poder, que surge o desejo intenso de possuir também seus filhos (Klein, 1970).

Estes desejos na idade adulta se mantêm e a gratificação de gerar uma criança é uma forma de reparar a frustração de não ter tido os bebês desejados.

Tudo isto impulsiona o amor da mãe por seu filho.

Esta relação modifica-se no processo evolutivo da criança, sendo influenciado pelas relações anteriores com os irmãos e primos.

Marie Langer (1978) enfoca a maternidade como a função mais gratificante da mulher e totalmente relacionada à primitiva relação com a mãe.

A capacidade de gerar e cuidar dos filhos é a aspiração instintiva básica e, mesmo naquelas mulheres que não têm filhos ela está presente. Este desejo pode ser sublimado ou reprimido, mas é essencial na constituição da feminilidade.

Na relação com seu filho, incluindo desde a concepção, entram em jogo basicamente a primitiva relação com a mãe. A total dependência da menina para com a mãe ocasiona que, da mesma forma que a ame, também a odeie e inveje, dirigindo a ela fantasias agressivas e destrutivas. Teme, da mesma maneira, ser destruída em represália a seus sentimentos, dividindo-se entre a imagem de uma mãe boa e uma

mãe má. Adota uma posição falocêntrica em defesa desta angústia primitiva e, mais tarde, a partir da menstruação, experimenta a satisfação de gozar sua feminilidade, com a possibilidade da procriação.

Dentro deste quadro evolutivo, o filho será o representante destes conflitos e a relação mãe-filho será determinada pela fantasia correspondente à sua concepção: uma sensação gratificante de gerar um ser e dar-lhe a vida ou o temor de reviver os conflitos e sentir o filho como algo roubado ou temido. De qualquer forma, ambas as situações se apresentam na mulher normal que as elabora durante a gravidez e o puerpério.

A partir deste significado inconsciente da maternidade, que no primeiro ano de vida se expressa pelo cuidado do recém-nascido-amamentação, a relação mãe-criança se expande à figura do pai.

Tanto o menino como a menina vêm no pai o representante da realidade externa que neutraliza a primitiva relação simbiótica com a mãe (Mahler, 1974; Langer, 1978).

A família consiste no meio no qual se desenvolve a criança e onde ela vivencia suas experiências e relacionamentos afetivos mais intensos, sintetizando-se, desta forma, que ambos genitores participam no processo de desenvolvimento.

É grande o caminho do homem em sua evolução, par

tindo da unidade mãe-filho para a aquisição de uma individualidade própria e, principalmente, a aquisição importante é que o sucesso neste processo está vinculado basicamente aos seus primeiros anos de vida.

Isto confirma e reforça a posição de que esta etapa de desenvolvimento se reveste de uma condição toda especial, justificando sua importância.

2.3.3 - Estudos e pesquisas

Dois artigos básicos, o de Rutter (1981) e o de Belsky & Steinberg (1978), compõem uma resenha bibliográfica com destaques dos estudos e investigações nesta área, nos últimos anos.

As abordagens teórico-práticas nesta área de investigação abordam, basicamente, os seguintes aspectos, segundo a organização de Rutter (op. cit.).

A primeira classificação se refere às seqüelas de ordem social e emocional nas crianças cuidadas em creches. Abrange os itens da ligação afetiva da criança e da conduta e ajustamento sócio-emocional.

A ligação afetiva da criança foi amplamente estudada investigando se a permanência diária em creches dificultaria a ligação afetiva da criança com os pais ou tornaria esta ligação ansiosa e tensa, fatos não compro-

vados cientificamente (Fox,1977; Ragozin,1980).

A partir da situação experimental criada por Ainsworth (Ainsworth & Witting, apud Belsky & Steinberg, 1978), onde a criança é colocada frente a um estranho na ausência materna, numa situação padrão pré-estabelecida, verifica-se suas condições de explorar o meio, aproximar-se do estranho e da mãe e outras séries de conduta.

Esta forma de investigação recebeu algumas críticas (Stroufe & Waters,1977) baseadas na argumentação de que a situação padrão é artificial, bem como a conduta repentina da mãe deixando a criança, como do lugar estranho. Conseqüentemente, a avaliação não corresponderia aos objetivos propostos.

Estudos que seguiram este método de investigação foram os de Blehar (1974) e Moskowitz, Schwarz & Corsini (1977).

Blehar realizou sua investigação comparando crianças cuidadas em casa, com crianças cuidadas em creche, durante o dia. Observou que as crianças provenientes de creches demonstravam maior conduta oral e evitação de estranhos na situação experimental.

No estudo de Moskowitz, Schwarz & Corsini (1977) foi replicado o estudo de Blehar, controlando-se as variáveis relacionadas ao conhecimento das hipóteses de estudo pelos experimentadores, entrevistadores, estranhos e os

avaliadores da interação social da criança. Não foi encontrada diferença nas reações entre as crianças cuidadas em creche ou cuidadas em casa.

Portnoy & Simmons (1978) também realizaram um estudo baseando-se em Blehar. Introduziram uma variação quanto à idade do ingresso das crianças nas creches. Estudaram crianças com a média de idade de um ano e com três anos. Também não encontraram diferenças nas reações das crianças cuidadas em casa ou em creches. Como a média de tempo de permanência nas creches das crianças de sua amostra era de 9,45 meses e a média de permanência das crianças de Blehar era de 4,78, justificam seu achado considerando que os resultados de Blehar se devem a uma reação inicial de adaptação da criança ao novo ambiente.

Cummings (apud Rutter, 1981) estudou o período quando se estabelece firmemente a ligação afetiva entre pais e filhos. Sua amostra se constituiu de trinta crianças que entraram na creche com menos de 2 anos, com média de permanência de dois meses. O grupo de controle foi formado por quatorze crianças. Na seqüência da investigação as crianças da creche ficaram desinteressadas e somente nove das trinta completaram o planejado, contra treze das quatorze crianças cuidadas em casa. As crianças cuidadas em casa ficaram mais tensas no laboratório.

Estes estudos na área da ligação afetiva direcionam as evidências no sentido de que não foi comprovado

que a creche ocasione insegurança e ansiedade, mesmo com alguns resultados incompatíveis como o de Cummings.

Outra área de investigação se refere às condutas e capacidade de adaptação social e emocional.

O estudo de Schwarz et alii (1973) investigou os aspectos afetivos, tensão e interação social em crianças de três anos e seis meses que ingressaram pela primeira vez em creches. Comparou com crianças que já frequentaram creches (média de ingresso de 9,5 meses) e encontrou pouca diferença entre os dois grupos. A diferença encontrada relaciona-se às seguintes características que o grupo de crianças que já frequentava creches possuía: menos tensão, afetos positivos e maior interação social. Após passados quatro meses de ingresso, as crianças que já frequentavam a creche desde a infância foram classificadas como mais agressivas física e verbalmente, mais ativas e menos tolerantes à frustração.

Outro estudo que encontrou resultados semelhantes foi o de Macrae & Herbert-Jackson (apud Rutter, 1981), com relação às características das crianças de creche: (a) serão menos tolerantes à frustração; (b) alto nível de atividade e agressão.

Rutter coloca que estas alterações encontradas podem ser função do próprio processo maturacional das experiências do grupo de crianças, do que o fato de serem ou não cuidadas em creche.

Belsky & Steinberg (1979) organizaram a resenha bibliográfica nesta área abrangendo os seguintes pontos:

- a influência da permanência em creches no desenvolvimento cognitivo;
- a influência no desenvolvimento emocional;
- a influência no desenvolvimento social;
- a influência na estrutura familiar.

O item sobre o desenvolvimento social abrange os estudos mencionados por Rutter na área de condutas e capacidade de adaptação social e emocional (Schwarz et alii, 1973; Macrae & Herbert-Jackson, 1975).

A análise realizada na resenha de Belsky e Steinberg introduz elementos novos à análise de Rutter. Consideram que a tendência à agressividade, maior frustração e alto nível de atividade devam ser entendidos dentro da ótica dos valores americanos, que propiciam a competição, impulsividade e egocentrismo.

Estudos mais recentes, como de Schachter (1981) e Hock (1980), abordaram respectivamente:

- Schachter estudou 32 crianças de mães trabalhadoras e 30 de mães que não trabalham. Foram controladas as idades das crianças, sexo, ordem de nascimento, idade materna, raça, religião, tamanho da família, classe social,

status e experiência anterior em cuidados substitutos.

As áreas estudadas foram as de desenvolvimento da linguagem, desenvolvimento cognitivo, desenvolvimento social e emocional.

Na área cognitiva houve diferença no sentido de que as crianças de mães não trabalhadoras tiveram um melhor desempenho no teste Stanford-Binet. Schachter coloca como possível justificativa o fato destas crianças conviverem muito com adultos e portanto com um ambiente intelectual diferente das crianças que permanecem em creches. Este resultado coincidiu com o de Cohen (1978) em investigação similar.

Na área social e emocional não houve diferença em força do Ego, mas diferenças quanto a características de personalidade. O grupo de crianças de creche era mais auto-suficiente e independente. Ao contrário, as outras crianças eram mais dependentes dos adultos.

- Hock enfoca mais precisamente os aspectos das competências maternas relacionadas à forma de cuidado e à relação com as crianças. Desta forma questiona se mães que trabalham ou as que não trabalham comportam-se diferentemente com seus filhos, em seus hábitos e formas de cuidá-los. Ou então, se as crianças de mães que trabalham comportam-se socialmente de maneira diferente. Finalmente, se a relação mãe-filho difere em função do status do trabalho.

Sua amostra foi constituída para fins de análise por 42 mães trabalhadoras e 55 não trabalhadoras, recrutadas na própria maternidade. O estudo abrangeu as crianças nos meses 0, 3, 8 e até 12 meses de idade.

Foram realizadas observações de interação mãe-filho (casa e laboratório), aplicou-se uma escala de auto-administração para avaliar os atributos maternos. As características sociais das crianças foram avaliadas frente à sua reação a estranhos e à relação com a mãe.

Basicamente, as mães trabalhadoras diferiram das que não trabalham nos seguintes aspectos: as mães que não trabalham apresentaram um posicionamento quanto à necessidade da criança de ser cuidada exclusivamente pela mãe e demonstraram, também, maior dependência dos demais para tomar decisões.

As crianças de ambos grupos não demonstraram distinção significativa nos seus comportamentos sociais e na relação materna. As crianças de mães não trabalhadoras demonstraram somente uma maior resistência a estranhos.

Para as mães que não trabalham é consistente a atitude de se considerarem como essenciais no cuidado dos filhos e, portanto, não valorizarem uma carreira. O contrário vale para as mães trabalhadoras, devendo se ressaltar que naquelas onde havia a crença da exclusividade de cuidado dos filhos ocorria uma inconsistência com a valorização da carreira.

Sintetizando as observações realizadas nas duas resenhas bibliográficas de Belsky & Steinberg (1978) e Rutter (1981), e os estudos de Schachter (1981) e Hock (1980), não há evidências conclusivas que caracterizem negativamente a permanência em creches ou em casa. Isto, tanto nos níveis cognitivos como da ligação afetiva e a nível social (área onde há uma tendência de maior agressividade nas crianças em creche).

Belsky & Steinberg (1978) propõem que os estudos na área devem abranger questões mais amplas, de maior alcance analítico:

- a nível de microsistema, questões sobre o ambiente imediato que cerca a criança, cuidada em creche ou em casa;

- a nível de mesosistema, questões abrangendo a interrelação deste ambiente imediato e a família;

- a nível de exosistema, amplia-se o questionamento para as estruturas formais e informais relativas à carreira da mulher, o casamento;

- e a nível de macrosistema, questões sobre a maternidade, a estrutura familiar e o papel da mulher.

Rutter (1981) analisa as conclusões das pesquisas sob a mesma forma, ressaltando, entretanto, a existência de fatores que podem constituir-se em circunstâncias adversas.

A qualidade do local onde a criança permanece é de suma importância, bem como sua idade, características pessoais e também o significado do trabalho da mulher, da família.

Desta forma, a questão que deveria caber é a mãe optar entre o desejo de trabalhar e o cuidado dos filhos, de forma que o trabalho não se realize sob pressão econômica. Assim, ocorrem gratificações tanto para a mãe quanto para o filho, quando há possibilidade de compatibilizar estes pontos.

De qualquer forma, quando os pais estão ausentes de casa durante o dia, é importante que, quando do retorno para o lar, haja um bom número de horas de convívio com a criança e que os pais estejam dispostos a permanecer com ela. Isto é importante no caso dela ficar doente. É interessante que o trabalho dos pais tenha flexibilidade para atender estas situações.

O fator da idade da criança, no momento do ingresso, demonstra que as menores de três anos têm mais dificuldade em se adaptar. Isto é muito relativo pois entram em jogo o temperamento da criança e sua posição na família. Foi demonstrado que o primeiro filho tende a ter dificuldades em se adaptar (Fox, 1977).

Juntamente com todas as considerações dos estudos realizados, o mais importante é que deve ser levado em conta o momento evolutivo da criança.

Assim, nos primeiros anos, quando a relação materna é fundamental, deve haver um período de contato mãe-filho que atenda às necessidades da criança, havendo a preocupação em estar com a criança afetivamente em todos os seus momentos importantes.

Querer reduzir as exigências que uma criança apresenta para um desenvolvimento saudável, à mera satisfação das necessidades fisiológicas, é uma atitude simplista.

O cuidado da criança nos seus primeiros anos exige a satisfação de necessidades afetivas complexas que só podem ser satisfeitas através da presença de uma figura estável e amorosa, onde haja possibilidade do estabelecimento de laços e vínculos afetivos.

Os estudos nesta área foram realizados em centros de alta qualidade, onde o padrão de atendimento era excelente (Rutter, 1981). Cabe a ressalva de que estudos em diferentes padrões de creches se fazem necessários, a fim de se comparar os resultados e ampliar as conclusões. Também é importante mencionar que uma possível causa da equivalência dos resultados encontrados até então se deva ao fato do alto nível de atendimento.

3 - METODOLOGIA

3.1 - Introdução

A pesquisa nesta área é de certa forma recente e os estudos abrangem diversos aspectos, como foi mencionado no item 2.3.3 (desenvolvimento emocional, desenvolvimento cognitivo, influência na estrutura familiar).

Na revisão bibliográfica sobre o tema, Belsky & Steinberg (1978) apontam algumas limitações aos estudos realizados, pois dedicam-se somente a centros de alto nível de qualidade ou em universidades, avaliando crianças que recebem um atendimento eficiente. Outra limitação refere-se à tendência de se restringirem aos efeitos imediatos sobre o desenvolvimento de crianças cuidadas em creches ou em casa. Finalmente, as amostras de crianças deveriam ser semelhantes. A limitação maior fica, entretanto, na metodologia utilizada para este tipo de investigação: a exposição da criança a situações artificiais de laboratório com adultos estranhos a ela, tentando-se avaliar a ligação materna.

Esta síntese esboça as dificuldades inerentes ao tema, que envolvem, além da conotação emocional da ques-

tão, quanto ao colocar ou não as crianças em creches, e o respectivo impacto no desenvolvimento infantil; esboça ainda as dificuldades concretas de um método de investigação apropriado, incluindo uma seleção adequada de crianças e de locais.

Em função disto, este estudo procurou ampliar a análise deste problema acerca da socialização de crianças cuidadas em casa ou em creches.

Para tanto, a fim de investigar o desenvolvimento emocional destas crianças, não se consideraram somente as condutas a partir do ingresso na creche ou das condutas em casa. Optou-se por realizar uma avaliação dinâmica da criança, envolvendo a relação mãe-filho e toda sua história pregressa.

Desta forma, a análise do desenvolvimento emocional se amplia se compararmos aos estudos na área da ligação afetiva, baseados em Ainsworth (1978), por exemplo.

Dentro desta visão, a creche ou a permanência e cuidados em casa são fatos interrelacionados na própria história da criança, ou de sua família e, principalmente, a partir da relação mãe-filho.

3.2 - População e amostra

A população foi constituída por crianças de am-

bos os sexos que freqüentaram creches ou pré-escolas, na faixa etária dos 3 anos e 6 meses aos 5 anos.

Ao todo foram avaliadas 38 crianças: 20 crianças do Grupo A (mães que trabalham fora do lar) freqüentando creche, e, 18 crianças do Grupo B (mães que não trabalham fora do lar) freqüentando uma pré-escola.

A diferença quantitativa na amostragem dos dois grupos se deveu ao fato de que, na pré-escola investigada, não havia mais do que 18 crianças, num grupo de 170, que preenchessem as condições necessárias, quais sejam, a mãe não trabalhar fora do lar. A fim de se controlar possíveis interferências, optou-se por não se procurar outra pré-escola para completar a amostra.

O nível sócio-econômico foi escolhido a partir da renda familiar que, em ambos os grupos, oscilou entre sete a dez salários mínimos. Segundo o IBGE (1980) a parcela da população correspondente a esta renda mensal é de 06% sobre o total da população do Rio Grande do Sul.

Nesta faixa de rendimento médio mensal se observa a existência de 232.259 famílias que se distribuem da seguinte forma com relação ao número de filhos dependentes: 1 filho (109.359 famílias), 2 filhos (91.824 famílias) e 4 filhos (9.285 famílias). O número de chefes de família com cônjuge sem rendimentos é de 116.498 e com cônjuge com rendimentos é de 96.780 (IBGE, 1980).

3.3 - Perguntas da pesquisa

1ª - Existe associação significativa entre o desenvolvimento emocional da criança e a relação mãe-filho no grupo de mães que trabalham fora do lar (Grupo A)?

2ª - Existe associação significativa entre o desenvolvimento emocional da criança e a relação mãe-filho no grupo de mães que não trabalham fora do lar (Grupo B)?

3ª - Existe associação significativa entre o desenvolvimento emocional da criança e a relação mãe-filho?

4ª - Existe associação significativa entre o desenvolvimento emocional da criança e a ocupação materna (Grupos A e B)?

3.4 - Definição das variáveis

A partir do problema proposto se constituíram as seguintes variáveis da pesquisa.

3.4.1 - Desenvolvimento emocional

É muito complexa a tarefa de avaliar o desenvolvimento emocional, determinando-se a presença ou não de patologias.

A nível deste estudo optou-se pela organização proposta por Nagera (1965) acerca da etiologia da neurose infantil.

Segundo Nagera, todas as crianças no transcurso de seu desenvolvimento afetivo passam por conflitos relativos ao período ou fase específica no seu processo evolutivo. Estes conflitos tendem a desaparecer com o próprio desenvolvimento, estruturam-se como traços de caráter ou permitem a organização mais complexa de uma neurose.

Podem se originar da interferência ambiental sobre o processo de maturação da criança, como de exigências sociais ou culturais do grupo social, ou mesmo de interferências acidentais. Por exemplo, o afastamento da mãe e seu bebê por motivo de doença grave, a interrupção brusca do aleitamento materno, dentre outros.

Outra origem importantíssima se refere às dificuldades de relacionamento entre mãe e filho, uma interferência grave no processo de maturação da criança. Nestes casos não ocorre a interação necessária para o desenvolvimento saudável, originando-se as patologias.

As interferências no desenvolvimento, de qualquer maneira, alteram o processo maturativo da criança e permitem a organização de vários aspectos da personalidade.

Exigências inadequadas a uma criança, desconsiderando-se o seu momento evolutivo permitem a estruturação

de uma forma mais complexa de conflito - a nível neurótico.

O conflito neurótico já envolve as estruturas psíquicas como o Id, Ego e Superego. Isto é, a busca instintiva de gratificação entra em choque com alguma das estruturas internalizadas. São distintos da neurose propriamente dita, que é uma organização mais complexa que se estrutura ao longo da infância.

Um exemplo de uma interferência no desenvolvimento é a exigência precoce do aprendizado do controle dos esfíncteres, que ocasiona o interesse prematuro pelos componentes anais, além da internalização de conflitos referentes às características deste período - agressividade, aspectos sado-masoquistas.

No desenvolvimento saudável os conflitos tendem a se solucionarem desaparecendo permitindo a maturação da personalidade. Ao contrário, quando não encontram solução se organizam como uma área conflitiva da personalidade. Frequentemente, os conflitos se modificam no transcurso do desenvolvimento e dão origem a uma forma mais complexa de expressão - a neurose propriamente dita.

Levando em conta estas considerações teóricas de Nagera (op.cit.) é possível selecionar alguns aspectos que auxiliam na organização da avaliação do desenvolvimento emocional das crianças.

Considerando-se que é no Ego que se manifestam os conflitos, através de situações ansiogênicas, alterações nas junções do Ego, ou seja, os sintomas, optou-se por organizar três níveis de avaliação:

- Boa Integração de Ego;
- Integração Regular de Ego;
- Integração Fraca de Ego.

Desta maneira, considerando que a criança passa por conflitos em seu desenvolvimento inerentes ao próprio processo de amadurecimento (p.ex.: a aprendizagem do controle dos esfíncteres), definiu-se como Boa Integração do Ego as crianças que apresentassem no teste CAT um desempenho correspondente à fase libidinal apropriada.

Por Integração Regular de Ego se consideraram as crianças que estivessem apresentando conflitos neuróticos atuais, sem uma história pregressa de outros conflitos.

Finalmente, por Integração Fraca de Ego se consideraram as crianças que estivessem apresentando conflitos neuróticos atuais, com uma história pregressa de outros conflitos. Estas situações mais graves poderiam corresponder a uma estruturação de uma neurose, posteriormente.

Esta organização dos três níveis de integração do Ego permitiu caracterizar as nuances do desenvolvimento emocional sem a necessidade de se estabelecer um diagnóstico mais profundo das crianças, que não era objetivo deste trabalho.

Em termos operacionais, a classificação nos três níveis de integração do Ego, foi organizado através do desempenho da criança no teste CAT e de informações obtidas nas entrevistas com as mães. Estes aspectos serão descritos no item instrumentos (3.5).

3.4.2 - Relação mãe-filho

Considerando-se o referencial teórico exposto sobre a relação mãe-filho, verifica-se que esta se constitui num vínculo afetivo muito intenso, onde estão em jogo características da personalidade da mãe e da criança, de toda a história familiar, do momento inicial da concepção do filho, expectativas e muitos outros aspectos.

Sendo assim, é difícil a classificação desta relação em categorias facilmente definidas. O que se observou foi a tônica emocional desta relação considerando-se todo o desenvolvimento infantil. Portanto, por relação satisfatória foi entendido não aquela relação livre de conflitos naturais do processo de desenvolvimento, mas a relação onde houve percepção das necessidades do filho e tentativas de atendê-lo.

A partir do material teórico exposto na revisão bibliográfica (Langer, 1978; Klein, 1981; Winnicott, 1967; Aberastury, 1982) foram selecionados itens considerados importantes dentro do desenvolvimento emocional da criança

que serão apresentados.

A avaliação desta variável foi feita através de uma escala baseada no estudo de Whiting (1966).

Neste estudo, a coleta de dados de natureza qualitativa não permitia uma sistematização imediata dos resultados, tendo sido utilizada uma escala de 1 a 7, onde nos pólos constavam os valores extremos de um mesmo comportamento ou situação. Após a categorização, foi solicitada a avaliação dos juízes com objetivo de estabelecer concordância na avaliação.

O mesmo foi feito para o presente trabalho: os itens foram avaliados pelo pesquisador e posteriormente submetidos à avaliação de dois juízes¹. Para cada item o pólo positivo será equivalente a 7 numa graduação decrescente até 1 - pólo negativo.

Constituíram-se, então, os seguintes itens para avaliar a relação mãe-filho:

Concepção e gravidez:

- Na relação do casal houve uma resposta emocional favorável à gravidez, manifestada por sentimentos de alegria e expectativa com relação à criança (pólo positivo).

¹ Esta avaliação foi realizada durante supervisão do material com psicólogos especializados na área.

Lactância:

- A mãe encontrou satisfação em amamentar a criança, manifestada pela dedicação ao filho naqueles momentos: segurar ao colo, permanecer com ele, acarinhá-lo (pólo positivo).

Alimentação:

- Houve paciência e calma na introdução dos alimentos sólidos (pólo positivo).

Relações de dependência-independência:

- Era permitido à criança explorar seu espaço: engatinhar, rolar (pólo positivo).

- A mãe esteve presente auxiliando as primeiras tentativas de caminhar da criança (pólo positivo).

- A criança tinha seu próprio quarto de dormir (pólo positivo).

- O processo de desmame foi lento e gradual (pólo positivo).

Controle dos esfíncteres:

- Este foi iniciado gradualmente conforme as condições da criança (pólo positivo).

Sexualidade:

- Há consciência da sexualidade e suas manifestações infantis por parte dos pais (pólo positivo).

Após exame dos juizes quanto à classificação dos itens dentro dos limites da escala foi utilizado o somatório dos pontos para cada sujeito, se calculando a mediana da distribuição dos escores.

3.4.3 - Ocupação

- Mães que trabalham fora do lar
- Mães que não trabalham fora do lar

A partir das informações obtidas no(s) local(is) escolhido(s) foram constituídos dois grupos de mães que caracterizaram as situações:

Grupo A - Mães que trabalham fora do lar

Neste grupo somente foram consideradas as mães que trabalham fora do lar e se ausentam durante o dia, estando a criança em turno integral aos cuidados de uma creche (10 horas diárias).

Grupo B - Mães que não trabalham fora do lar

Neste grupo somente foram consideradas as mães

que não trabalham fora do lar. A criança permanecia aos seus cuidados e freqüentava durante um turno do dia uma pré-escola (3 a 4 horas diárias).

3.5 - Instrumentos

Os instrumentos de pesquisa utilizados foram os seguintes:

- 1º - Ficha de dados de identificação;
- 2º - Teste projetivo CAT;
- 3º - Entrevista com a mãe.

Fichas de dados de identificação

A ficha constou de uma folha onde foram organizadas as seguintes informações: nome dos pais, idade, profissão, horário de trabalho, número de filhos, idade, local de permanência dos mesmos quando fora da creche a pré-escola, pessoa(s) que cuida(m) da criança.

Estas informações permitiram caracterizar a amostra.

Teste projetivo CAT

O teste projetivo CAT (Bellak, 1967) consiste de dez quadros com ilustração de animais em várias situações. Pode ser utilizado com crianças de 3 a 10 anos de idade.

É um teste projetivo, ou seja, um método para investigar a estrutura da personalidade, verificando a dinâmica, através de estímulos padronizados.

A aplicação do teste consiste no estabelecimento de um rapport com a criança, isto é, um contato apropriado, seguido da apresentação do teste. Esta aplicação pode ser feita em uma ou duas sessões de 30 minutos cada.

A partir do teste CAT foram escolhidas as sete lâminas que se referiam basicamente aos objetivos do trabalho, considerando os aspectos:

- Identificação da criança:

Nas histórias, a identificação da criança se dá naquelas figuras que predominam, por exemplo, o herói principal, que caracterizam a percepção de si mesmo pela criança e de sua própria história.

- Relação com o meio:

É importante a forma como a criança percebe o meio em que vive, suas fantasias sobre as pessoas significativas e basicamente com quem se identifica: (1) percepção do meio como favorável atendendo as necessidades; (2) percepção do meio como hostil não atendendo as necessidades; (3) identificação - figuras predominantes.

- *Conflitos significativos:*

Os conflitos são evolutivamente normais no desenvolvimento da criança e o importante é verificar como o Ego utiliza as defesas para lidar com as exigências de satisfação dos impulsos, do superego e da realidade. Assim, deve-se observar como o Ego é capaz de satisfazer os impulsos e equilibrar as exigências, tendo condições de lidar com sentimentos de culpa permitindo uma relação mais satisfatória com o mundo externo: (1) defesas utilizadas; (2) integração do Ego; (3) características do Superego.

A avaliação foi qualitativa estabelecendo-se, através dos indicadores, como está o desenvolvimento emocional da criança, se satisfatório ou não. Estes dados analisados a partir das informações obtidas nas entrevistas com as mães possibilitaram, então, a organização dos três níveis de integração do Ego.

As lâminas escolhidas foram:

Lâmina I: o tema induz a fantasia acerca da alimentação, satisfação das necessidades orais, que estão ligadas à relação mãe-filho (Bellak, 1967).

Lâmina II: o tema relaciona-se com o modo que a criança sente a rivalidade entre pai e mãe e com quem ele coopera, fantasias agressivas e de independência (Bellak, 1967).

Lâmina III: o tema relaciona-se centralmente à figura paterna e desperta vivências edípicas (Bellak, 1967).

Lâmina IV: o tema relaciona-se ao modo da criança relacionar-se com a mãe, fantasia acerca da origem das crianças e rivalidade entre irmãos.

Lâmina V: o tema refere-se basicamente à fantasia sobre a relação dos pais e dos irmãos (Bellak, 1967).

Lâmina VIII: o tema refere-se ao modo como a criança se insere no ambiente familiar e percebe a figura dominante (Bellak, 1967).

Lâmina IX: o tema desperta fantasias de abandono e solidão (Bellak, 1967).

A avaliação do teste CAT foi realizada baseando-se no referencial teórico e submetida à apreciação crítica de um profissional da área.

Entrevista com a mãe

A entrevista tem como objetivo obter dados para que se possa construir o mais aproximadamente possível a história da criança, a relação no grupo familiar e a relação dos pais com ela. Portanto, foi dirigida dentro destes objetivos, isto é, foi solicitado à mãe que falasse sobre os aspectos da gravidez: expectativas, se foi desejada ou acidental e toda a evolução.

"A resposta que nos dá a mãe sobre a gravidez indica qual foi o início da vida do filho." (Aberastury, 1982, p. 83)

Nestas entrevistas não se espera que os fatos relatados e sentimentos expressos sejam respostas fiéis ao que se solicita, mas o material oferecido juntamente com o conhecimento da criança fornecem grandes informações para a investigação (Aberastury, 1982).

Geralmente as respostas sobre como foram a gravidez e o parto são de que foram "normais". Estas respostas foram conferidas questionando-se detalhes dos acontecimentos que possibilitaram checar as informações.

O mesmo se refere à lactância. Todos os detalhes são importantes quanto aos hábitos alimentares da criança, pois são a forma de contato entre a mãe e o filho.

Outro aspecto dentro do desenvolvimento infantil é o processo de independização que se inicia pelo caminhar, o desmame e a linguagem. Todos estes pontos foram verificados a fim de se constatar se a criança foi atendida nas suas necessidades de expansão.

O controle dos esfíncteres informa muito sobre a relação da criança com sua mãe: se foi muito precoce, ou muito severa ou se deu conforme a criança foi demonstrando interesse.

Por fim, para um melhor conhecimento do momento atual da criança foi verificado o seu interesse sexual e

como os pais se relacionam com isto.

3.6 - Procedimentos para a coleta de dados

Através de informações fornecidas pela 1ª Delegacia de Ensino - SEC/RS foram escolhidas uma creche e uma pré-escola que atendessem os itens: acatamento dos critérios estabelecidos para o funcionamento adequado destes serviços assistenciais, recebimento periódico de inspeção, atendimento à clientela conforme a renda escolhida no presente estudo.

À direção de cada uma foi enviada uma carta de apresentação da pesquisadora contendo os objetivos do trabalho.

A partir deste primeiro contato foi marcada uma entrevista com a direção de ambos estabelecimentos. Nesta ocasião, foram colocadas todas as necessidades para a realização do trabalho e definido o modo operacional de sua execução.

O desenvolvimento do trabalho se organizou da seguinte forma:

- apresentação da pesquisadora ao corpo docente em reuniões de equipe;
- exposição dos objetivos do trabalho;

- Combinação de horários para entrevista das mães e avaliação das crianças.

Nestas reuniões foi possível obter uma boa interação com a equipe de trabalho, bem como de conhecer realmente o funcionamento da creche. Além disto, os aspectos mais importantes foram o conhecimento e informações obtidas sobre as crianças a serem avaliadas, fato que facilitou o entrosamento da pesquisadora com o grupo.

Em termos do trabalho realizado com os grupos de crianças, primeiramente foram feitas visitas em momentos diversos de suas rotinas, ocasiões nas quais a pesquisadora interagiu livremente com o grupo.

Tanto as entrevistas com as mães como a testagem das crianças foram realizadas em salas de entrevistas, onde não havia interferência de estímulos alheios ao trabalho. A escolha do momento da testagem foi sugerida pela orientadora educacional (momento da atividade livre) e foi o mesmo para todas as crianças.

As entrevistas com as mães foram marcadas com antecedência de uma semana. Foi-lhes enviada uma carta contendo informações genéricas sobre o trabalho e perguntado, caso houvesse interesse de participar do mesmo, qual o horário mais adequado para a realização da entrevista. Todas as mães solicitadas realizaram as entrevistas.

Entretanto, é importante mencionar que, apesar

do interesse demonstrado pelas mães, houve algumas dificuldades, como atraso ou esquecimento do compromisso com a pesquisadora.

3.6.1 - Procedimentos para análise dos dados

Os dados obtidos nesta investigação foram organizados em dois níveis complementares de análise: a qualitativa e a quantitativa.

A análise qualitativa foi feita a partir das entrevistas realizadas com as mães dos Grupos A e B e do teste projetivo CAT.

Tanto nas entrevistas como no teste projetivo CAT, a análise pressupõe a utilização do referencial psicanalítico.

Nas entrevistas com as mães os itens abordados foram: a) concepção e gravidez; b) lactância; c) alimentação; d) relações de dependência-independência; e) controle dos esfíncteres e f) sexualidade.

Não foi seguida uma ordem pré-estabelecida de apresentação às mães. Conforme a história individual de cada criança os itens eram introduzidos, pois o objetivo principal era reconstituir a história da criança e sua relação no grupo familiar, centrando-se na figura da mãe, principalmente.

As respostas imediatas numa entrevista clínica nem sempre são fiéis, num primeiro momento. Deve-se especificar bem os acontecimentos e fatos relacionados a cada item proposto à mãe a fim de se checar as informações.

A expressão dos sentimentos e afetos acerca do desenvolvimento da criança são percepções que a mãe traz, seja através da verbalização expressa do afeto ou dos acontecimentos relacionados. A mãe pode dizer que a criança era muito tranqüila e mamava facilmente, ou que era muito agitada. Questionando-se como era o momento da amamentação verifica-se, por exemplo, que na primeira situação a mãe dirigia-se a um local tranqüilo, conversando com o bebê carinhosamente. Na segunda situação refere que assistia televisão enquanto amamentava. Logo, se observa que a dificuldade maior residia na situação de amamentar, para a mãe, do que propriamente um bebê agitado.

A partir da análise de cada entrevista, através dos itens abordados foi possível verificar a relação mãe-filho, considerando-a satisfatória ou não.

As entrevistas, após avaliadas pela pesquisadora, foram submetidas a dois juízes, a fim de se discutirem as avaliações.

O teste CAT foi classificado através de um protocolo baseado no proposto por Bellak (1967) e adaptado por Duarte (1976) (anexo 1).

A análise destes conteúdos permitiu organizar o desenvolvimento emocional da criança em três níveis de integração de Ego. Escolheu-se a avaliação a partir da estrutura de Ego, visto que a maturidade e recursos egóicos estão estreitamente relacionados à capacidade de sublimar os conflitos.

Os níveis de integração considerados foram:

- a) Boa Integração de Ego;
- b) Regular Integração de Ego;
- c) Fraca Integração de Ego.

Em todo o desenvolvimento afetivo ocorrem conflitos evolutivos (Nagera, 1965).

A nível de Boa Integração de Ego consideraram-se as crianças que apresentavam um desempenho no teste CAT correspondente à fase libidinal apropriada. Isto implicava que os conflitos não estavam interferindo no processo de amadurecimento em geral e, basicamente, sem a existência de conflitos neuróticos.

A nível de Integração Regular de Ego consideraram-se as crianças que estivessem apresentando conflitos neuróticos atuais, sem uma história pregressa de outros conflitos.

A nível de Integração Fraca de Ego consideraram-se as crianças que apresentavam conflitos neuróticos atuais com uma história pregressa de conflitos, que poderiam

assumir outras formas de expressão.

A análise quantitativa se organizou a partir dos dados da entrevista e, conjuntamente com a classificação das crianças obtidas pelo teste CAT, três variáveis foram submetidas ao teste X^2 , em três níveis de avaliação.

A avaliação do teste CAT foi submetida à supervisão de um profissional especializado em técnicas projetivas.

A análise quantitativa das entrevistas foi realizada conforme a escala de Whiting (1966). A escala compreende a variação de 1 a 7, sendo 1 o pólo negativo e 7 o pólo positivo.

Cada item considerado na entrevista foi classificado com uma nota, realizando-se a média final para cada mãe. Desta maneira, os itens: a) concepção e gravidez, b) lactância, c) alimentação, d) relações dependência-independência, e) controle dos esfíncteres e f) sexualidade, receberam uma nota de 1 a 7, cada um, resultando na média final.

A média final serviu para categorizar a variável relação mãe-filho em satisfatória ou não-satisfatória. O ponto de corte escolhido para determinar esta categorização foi de valor 5,0. Para se obter este valor se realizou o cálculo da mediana dos dois grupos A e B. As mães cujas entrevistas obtiveram uma pontuação acima do valor foram consideradas na categoria relação mãe-filho satisfatória.

As que obtivessem valor inferior foram categorizadas como relação insatisfatória.

3.7 - Resultados

3.7.1 - Caracterização da amostra

Ao todo foram entrevistadas 38 mães e avaliadas 38 crianças.

O Grupo A constituiu-se de 20 mães entrevistadas que trabalhavam fora do lar, cujos filhos permaneciam durante o dia em creche.

O Grupo B constituiu-se de 18 mães entrevistadas que não trabalhavam fora do lar, cujos filhos freqüentavam uma pré-escola durante 3 a 4 horas diárias.

Primeiramente, é importante caracterizar os dois grupos através de alguns dados da amostra e características de funcionamento da creche e da pré-escola. Os dados da amostra considerados serão a idade materna e o grau de instrução.

TABELA Nº 1

DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIA DOS GRUPOS A E B QUANTO À IDADE MATERNA

| IDADE | GRUPO A | | GRUPO B | |
|-------|---------|-----|---------|------|
| | n | % | n | % |
| 20-25 | 2 | 10 | - | - |
| 25-30 | 11 | 55 | 5 | 27,8 |
| 30-35 | 5 | 25 | 8 | 44,4 |
| 35-40 | 2 | 10 | 5 | 27,8 |
| TOTAL | 20 | 100 | 18 | 100 |

Conforme se pode observar, a faixa etária com maior porcentagem de frequência foi a de 25-30 anos, com 55%. No Grupo B a maior frequência ocorreu na faixa etária dos 30-35 anos, com 44,4%.

TABELA Nº 2

DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIA DOS GRUPOS A E B QUANTO AO GRAU DE INSTRUÇÃO MATERNA

| GRAU DE INSTRUÇÃO | GRUPO A | | GRUPO B | |
|-------------------|---------|-----|---------|-----|
| | n | % | n | % |
| 2º Grau | 16 | 80 | 14 | 70 |
| Superior | 4 | 20 | 4 | 30 |
| TOTAL | 20 | 100 | 18 | 100 |

Não houve uma grande diferença quanto ao grau de instrução materna em ambos os grupos, com maior percentagem de mães a nível de instrução do 2º grau.

As crianças avaliadas do Grupo A foram selecionadas em uma creche. A estrutura e funcionamento desta creche segue a seguinte organização, durante o período de permanência das crianças.

As atividades iniciam-se a partir das 7h30min com a chegada das crianças. A partir deste horário seguem-se atividades pedagógicas e recreativas até o almoço que se realiza às 11h30min.

A sesta das crianças estende-se até as 14h, seguida de atividades recreativas.

A janta é servida às 17h e, após, as crianças aguardam a chegada dos pais.

Observando a tabela nº 3, verifica-se que as crianças no turno da manhã convivem com um grupo de trabalho e à tarde com outro.

TABELA Nº 3

ROTINA DAS ATIVIDADES DA CRECHE - CRIANÇAS DO GRUPO A E
RESPECTIVAS COMPETÊNCIAS

| ROTINA | | | | | |
|---------------------------|------------------------|------------------|------------------|------------------------|------------------|
| M A N H Ã | | | T A R D E | | |
| | Atividades pedagógicas | Almoço | Sesta | Atividades recreativas | Janta |
| COM PE- TÊN CIAS | professor nº 1 | auxiliar nº 1 | auxiliar nº 1 | professor nº 2 | auxiliar nº 2 |
| | auxiliar nº 1 | | | auxiliar nº 2 | |

Toda a equipe de trabalho da creche preenche os requisitos necessários quanto à formação profissional especializada.

Observa-se que a rotina de funcionamento segue um planejamento que procura atender às necessidades da criança, em todos os níveis nutricionais, pedagógicos e fisiológicos.

A tabela nº 4 permite a observação de aspectos importantes, considerando-se também os dados da tabela nº 3.

TABELA Nº 4

DISTRIBUIÇÃO DO GRUPO A SEGUNDO A IDADE DE INGRESSO NA CRECHE, PERÍODO DE FREQUÊNCIA E TEMPO DE CONVIVÊNCIA COM OS PAIS

| | | IDADE MÉDIA INGRESSO (ANOS) | PERÍODO DE FRE- QUÊNCIA (ANOS) | TEMPO CONVÍVIO | |
|-------|-----------|--------------------------------------|---|-------------------|-------------|
| | | | | MÃES (h) | PAIS (h) |
| | \bar{X} | 1,75 | 2,75 | 3,5 | 3,8 |
| Grupo | | | | | |
| A | DP | 0,80 | 0,83 | 1,1 | 0,75 |

A criança permanece em torno de dez horas na creche, com convívio exclusivo dos profissionais e colegas, realizando também, basicamente, todas as refeições. Além disso, é no ambiente da creche que receberá orientações de ordem afetiva e educativa sobre os acontecimentos rotineiros de sua vida. Isto ressalta a importância desta convivência em termos de socialização e afeto, culminando na responsabilidade dos profissionais que exercem tais competências. No outro lado o tempo de convívio com os pais restringe-se ao período da noite, sendo em média de 3,5h para as mães e 3,8h para os pais. Este aspecto, por sua vez, ressalta a importância qualitativa deste período de convivência familiar, em termos de disponibilidade afetiva dos pais para com a criança.

A idade média de ingresso foi de 1 ano e 7 meses, com frequência média de 2 anos e 7 meses. Todas as crian-

ças avaliadas estavam totalmente adaptadas visto o período de freqüência já ser superior há dois anos.

As crianças avaliadas do Grupo B foram selecionadas em uma pré-escola com estrutura e funcionamento correspondente a Maternal e Jardim de Infância. A pré-escola funciona nos turnos da manhã e tarde. As crianças do turno da manhã obedecem o horário correspondente das 8h até 11h 30min e as do turno da tarde o horário das 13h30min às 17h. Não são oferecidas refeições pela escola, mas sim a própria criança traz seu lanche. Cada turma de criança convive com um professor regente de classe. As auxiliares são ambulantes, detendo-se nas salas quando solicitadas.

A tabela nº 5 apresenta uma média de ingresso na pré-escola de 2 anos e 9 meses com um período de freqüência de 1 ano e meses. A idade média de ingresso é maior em 1 ano e 2 meses do que a do Grupo A e o tempo de freqüência é inferior em 1 ano e 3 meses.

O tempo de convívio com a mãe é obviamente superior no Grupo B ($\bar{X}=9h$) e com o pai é basicamente igual nos dois grupos, ressaltando-se uma discrepância de ordem superior no Grupo A ($\bar{X}=3,8$).

A criança do Grupo B convive essencialmente com a mãe, permanecendo 3h e 30min na pré-escola. Observa-se que no seu processo de socialização a convivência familiar assume grande importância e o papel da pré-escola dedica-se à expansão das relações sociais.

TABELA Nº 5

DISTRIBUIÇÃO DO GRUPO B SEGUNDO A IDADE DE INGRESSO NA PRÉ-ESCOLA, PERÍODO DE FREQUÊNCIA E TEMPO DE CONVIVÊNCIA COM OS PAIS

| | | IDADE MÉDIA INGRESSO (ANOS) | PERÍODO DE FRE QUÊNCIA (ANOS) | TEMPO CONVÍVIO | |
|------------|-----------|--------------------------------------|--|-------------------|-------------|
| | | | | MÃES (h) | PAIS (h) |
| Grupo B | \bar{X} | 2,20 | 1,45 | 9,0 | 3,4 |
| | DP | 0,63 | 0,78 | 0,0 | 1,1 |

3.7.2 - Análise dos resultados

3.7.2.1 - Análise qualitativa

A análise qualitativa constituiu-se do estudo individual de cada caso, tanto da entrevista com a mãe como do teste CAT de cada criança.

A complexidade desta tarefa está no fato de que cada caso se constitui num universo rico de particularidades em sua história familiar. Procurou-se, apoiado no referencial psicanalítico, estudar cada caso considerando que a relação mãe-filho, na história individual de cada criança, é o reflexo das fantasias inconscientes maternas acerca da maternidade (Langer, 1978).

Estas se traduzirão na forma como cada criança foi concebida, no desenvolvimento da gravidez, parto e, principalmente, nos cuidados com a criança nos seus primeiros anos.

Os transtornos na relação mãe-filho residem na personalidade materna e se refletirão sobre o desenvolvimento da criança.

Desta maneira, ao se estudar cada caso, estes fatores foram considerados como básicos para avaliar a relação mãe-filho, bem como a avaliação do teste CAT.

Para reconstituição da história da criança os itens apresentados foram os referentes aos momentos mais importantes no desenvolvimento da criança (Aberastury, 1981). Estes foram: lactância, alimentação, relações de dependência e independência, controle dos esfíncteres, sexualidade.

A avaliação do teste CAT seguiu a orientação básica de Bellak (1967) organizada em forma de protocolo por Duarte (1976). Em termos de análise, considerou-se o desenvolvimento a partir das fases libidinais. Visto o estudo não ter como objetivo um diagnóstico nosológico específico, organizou-se a classificação final do teste em três níveis de integração do Ego: Boa, Regular e Fraca.

Para uma melhor compreensão das características da amostra foram organizados dois quadros que seguem refe-

rentes aos casos, Grupo A (mães que trabalham fora do lar) e Grupo B (mães que não trabalham fora do lar). Na coluna referente às mães foram colocadas as características mais relevantes, seguidas de comentários sobre o desenvolvimento dos filhos, respectivamente. Os comentários sobre os Grupos A e B, quanto a estas características são apresentados na Discussão do trabalho (item 4).

QUADRO Nº 1

CARACTERÍSTICAS DO GRUPO A (MÃES QUE TRABALHAM FORA DO LAR)
CASOS INDIVIDUAIS

- | | |
|--|---|
| 1. Laura | João |
| - 3 abortos anteriores; | - filho único; |
| - gravidez em repouso - <u>ten</u> sa, parto normal; | - desenvolvimento adequado. |
| - está em crise com o mari- do, não quer mais filhos - difícil cuidar. | |
| 2. Vera | Ricardo |
| - gravidez desejada; | - desenvolvimento adequado. |
| - parto e desenvolvimento normais; | |
| - tem outro filho. | |
| 3. Fabíola | Marta |
| - gravidez não desejada; | - filho único; |
| - episódio de ingestão <u>exces</u> siva de calmantes pela <u>cri</u> ança, aos 6 meses; | - dependente e ansioso: bi- co, mamadeira, dorme com os pais, episódio de rela- ção sexual em sua presen- ça; |
| - não quer mais filhos - não tem tempo pois estuda à noite. | - fala muito pouco. |

4. Solange

- gravidez planejada;
- toxemia gravídica - infec
ção uterina pós-parto - se
paração mãe-filha duran-
te um mês;
- 2ª gravidez também tumultuada.

Janete

- complicações respiratórias
no parto;
- muito tímida; ansiosa, não
participa na escola;
- dificuldades cognitivas -
não aprende cores e outros
símbolos.

5. Suzana

- gravidez planejada;
- não quer mais filhos - não
tem como cuidar.

Vanessa

- filha única;
- desenvolvimento adequado.

6. Cláudia

- gravidez desejada;
- luxação das pernas - seis
meses engessada;
- mãe trabalha toda semana,
inclusive aos sábados - in
tegral.

Heloisa

- filha única;
- luxação nas pernas;
- enurese noturna;
- dislalia por omissão.

7. Marina

- gravidez tumultuada-casal
em processo de separação;
- parto com hemorragia - se
paração mãe-filho;
- casal separou-se aos três

Fabiano

- filho único;
- dorme com a mãe;
- ansioso - chora muito.

meses do bebê,

- mora só, sustenta-se.

8. Andréa

Marta

- gravidez não planejada -
ficou feliz;

- desenvolvimento adequado.

- considera a filha bem -
com bom desenvolvimento;

- tem outro filho.

9. Michelle

Sandra

- gravidez não planejada -
casou-se após;

- desenvolvimento adequado;

- filha única

- só vê a filha na janta -
estuda à noite;

- não quer mais filhos.

10. Vera Lúcia

Joice

- gravidez não planejada;
- separação do casal tempo
rária, crise conjugal;

- desenvolvimento adequado.

- terapia individual - bom
relacionamento atual com
o marido - aguarda segun
do filho.

11. Ana

- gravidez não planejada - casou-se após;
- mãe cuidadosa e responsável;
- moram na casa dos pais;
- deseja filho mais tarde.

Luciana

- filha única;
- desenvolvimento adequado.

12. Eulália

- gravidez não planejada;
- crise no casamento;
- considera-se muito exigente e pouco afetiva;
- tem outros filhos.

Aline

- muito ansiosa - "se fina até hoje";
- insegura.

13. Tânia

- gravidez planejada;
- considera-se muito ansiosa, preocupada com as dificuldades do filho;
- organização familiar - trabalha muito.

Rogério

- problemas alimentares: inapetência;
- dislalia por omissão;
- dorme com os pais;
- filho único.

14. Iara

- gravidez planejada;
- toxemia gravídica;
- dificuldade de respiração no parto;

Marcela

- lesão cerebral ocasionando dificuldades motoras: pernas, braços e na língua.

- não colocou a menina em tratamento especializado;

- outra filha menor.

15. Lilian

- gravidez não planejada;
- não fica muito com a menina;
- muito exigente.

Andréa

- pouca participação;
- filha única.

16. Angela

- gravidez desejada;
- acompanhamento adequado da criança.

Cristina

- desenvolvimento adequado.

17. Karen

- gravidez não planejada;
- relacionamento do casal tumultuado - separação;
- infecção uterina - separação mãe-filho;
- estuda à noite.

Fernando

- insegurança;
- ansiedade.

18. Sueli

- gravidez planejada;
- pressão alta - hospitalização;
- dificuldade na relação

Airton

- obesidade excessiva prejudicando locomoção e coordenação motora em geral;
- não sabe cores;

com o filho.

- não relaciona-se com crianças;
- filho único.

19. Ana Maria

Saulo

- gravidez não planejada;
 - relação tumultuada do casal - separação;
 - mãe dispersiva.
- ansioso;
 - dificuldade de relacionamento.

20. Marli

Carlos

- gravidez não planejada;
 - amamenta até hoje;
 - controle de esfíncteres tardio.
- mamadeira, bico e seio;
 - dificuldades de relacionamento na escola;
 - agressivo;
 - dificuldades cognitivas.

QUADRO Nº 2

CATACTERÍSTICAS DO GRUPO B (MÃES QUE NÃO TRABALHAM FORA DO LAR): CASOS INDIVIDUAIS

- | | |
|---|------------------------------------|
| 1. Leslie | Henrique |
| - gravidez desejada transcorrendo sem problemas; | - em psicoterapia; |
| - mudança de Estado; | - fobias; |
| - dificuldades graves de relacionamento com o filho no 1º ano: crises nervosas. | - ansiedade de separação; |
| | - timidez excessiva. |
| 2. Cândida | Sibelle |
| - gravidez desejada sem problemas de saúde - parto normal; | - desenvolvimento adequado; |
| - mudança de País aos 2 anos da menina; | - terceira filha. |
| - considera uma criança com ótimo desenvolvimento. | |
| 3. Mari | Cláudia |
| - gravidez não planejada, parto normal; | - muito ansiosa - crises de choro; |
| - considera com desenvolvimento adequado; | - rói unhas; |
| | - segunda filha do casal; |

- preocupada com ansiedade da menina;
- refere boa relação do casal.

- desenvolvimento adequado;

4. Marina

Fúlvio

- gravidez não planejada 11 anos após o último filho;
- parto normal;
- dificuldades alimentares;
- relação casal - brigas, marido muito agressivo.

- enurese diurna;
- dislalia por supressão;
- timidez excessiva.

5. Elaine

Rogério

- gravidez não planejada - refere não usar nenhum anticoncepcional na ocasião;
- gravidez normal - parto com dificuldades respiratórias para a criança - incubadora uma semana;
- dedicou-se muito ao filho, considera-o excelente.

- desenvolvimento adequado.

6. Beth

- gravidez planejada;
- parto normal;
- engravidou dois meses após o nascimento;
- ficou muito tensa e nervosa;
- considera o seu desenvolvimento adequado.

Laura

- desenvolvimento adequado.

7. Ana Maria

- gravidez e parto normais;
- desenvolvimento adequado no 1º ano;
- boa relação do casal;
- preocupam-se com a educação que dão aos filhos.

Felipe

- desenvolvimento adequado.

8. Tânia

- gravidez tensa;
- não conseguiu cuidar da menina (psicose puerperal);
- foi educada pela avó;
- fez psicoterapia-melhorou retornando aos cuidados com a filha.

Patrícia

- timidez.

9. Cleide

Marcus

- gravidez planejada;
- parto normal;
- desenvolvimento adequado;
- nota muito ciúmes dos ir
mãos.

- agressivo com os irmãos;
- desenvolvimento adequado;

10. Raquel

Sônia

- gravidez planejada;
- parto normal;
- refere muito feliz com
nascimento;
- engravidou após 3 meses
novamente ficou muito ten
sa e nervosa.

- desenvolvimento adequado.

11. Sandra

Raul

- gravidez não planejada;
- um pouco nervosa nos pri-
meiros meses após o nasci-
mento;
- o casal conversa muito
sobre a educação dos fi-
lhos.

- desenvolvimento adequado.

12. Thaís

Paula

- gravidez planejada;
- bom desenvolvimento no 1º

- desenvolvimento adequado.

ano;

- mãe muito interessada;
- pai não se envolve muito com os filhos.

13. Wanda

- mãe solteira de 3 filhos;
- companheiros casuais;
- nesta gestação um problema de saúde grave afastou-a da filha no primeiro ano de vida;
- criada por uma tia durante 2 anos.

Mirna

- atraso na fala;
- atraso no controle dos esfíncteres;
- muito tímida, praticamente não conversa, fato em observação na escola.

14. Helen

- gravidez não planejada;
- parto normal - gestação muito tranqüila;
- pais interessados e participantes;
- passeiam muito com os filhos.

Margot

- desenvolvimento adequado.

15. Marilena

- gravidez planejada só pela mãe: sem problemas;
- parto cesáreo (opção da

Luciano

- frustra-se muito facilmente.

- mãe);
- desenvolvimento adequado no 1º ano de vida;
 - pai viaja toda semana.

16. Angela

Maria Helena

- mãe estéril: adotou a criança;
- dificuldades de adaptação ao bebê nos primeiros meses;
- muito satisfeitos com a menina;
- desenvolvimento adequado;
- "pais apaixonados por ela".

17. Heloisa

Janice

- gravidez planejada: parto normal;
- mãe parou de trabalhar a pós nascimento;
- adoram a filha;
- consideram a menina muito feliz.

18. Carla

- gravidez planejada;
- parto normal;
- considera o menino muito bem e seu desenvolvimento ótimo.

Márcio

- desenvolvimento adequado.

na vai à aula. A menina fica com o marido à noite.

O casal briga muito e relata que nesta semana brigaram demais devido a dinheiro, quem deve levar ou buscar a filha, coisas assim.

A gravidez não foi planejada. Quando constatou ficou desesperada porque não sabia o que fazer com a criança, depois que nascesse. Ficou assim até o terceiro mês, quando ficou mais contente. A gravidez em si foi boa e o parto normal.

Amamentou até terminar a licença, quando voltou a trabalhar, deixando a menina com uma senhora do bairro. Parou de amamentar. A menina aceitou bem a mamadeira, mas a senhora que a cuidava era muito negligente e não a atendia bem. Um dia ao voltar do trabalho encontrou a menina desfalecida. Levou-a ao HPS onde constataram ingestão excessiva de calmantes. Atenderam-na e ela ficou em observação durante dois dias.

A partir daí foi para uma vizinha diferente que não a estimulava a andar, tanto é que só caminhou com 1 ano e 2 meses. Depois, a colocou na creche. Foi muito difícil no início porque a menina chorava muito.

Toma mamadeira de manhã e à noite e chupa bico para dormir. Sua cama é no quarto dos pais porque o apartamento só tem um quarto. Estes dias o marido quis ter relações sexuais, com a menina dormindo na cama, ela não deixou.

Perguntou à mãe de onde vêm os bebês. A mãe lhe disse e ela não perguntou mais nada.

Diz que a filha é muito inconstante, chora, não responde quando falam com ela e é braba.

Não quer ter mais filhos devido a toda esta situação.

Pontuação:

O pólo negativo é de valor 1 e o positivo 7, oscilando entre estes valores as demais pontuações. O valor 4 é o ponto central entre os pólos, portanto utilizado quando não há evidências de graves conflitos mas também de êxito parcial na tarefa.

Concepção: A mãe verbaliza que a gravidez não foi desejada sendo motivo de conflitos. A evidência é que a gravidez em si faz parte de um todo na história da mãe, de dificuldades afetivas com o companheiro e dificuldades pessoais. 2 pontos.

Lactância: Até o término da licença ocorre amamentação. Refere dificuldades de cuidados com a menina. 4 pontos.

Alimentação: Não há evidências de dificuldades específicas de alimentação, entretanto há menção de negligência de cuidados. 4 pontos.

Relações dependência-independência. A mãe encontrou dificuldades em encontrar substituição adequada para os cuidados da filha, estimulação, carinho, ambiente adequado, havendo um episódio grave de intoxicação por remédios.

- . espaço: 3 pontos;
- . presença da mãe: 2 pontos;
- . quarto: 2 pontos;
- . desmame: 2 pontos.

Controle dos esfíncteres: Não recorda o processo. 3 pontos.

Sexualidade: Responde à criança. Grave episódio de relação sexual no quarto do casal, onde dorme. 4 pontos.

Média geral: 2,8.

CAT - Síntese:

O meio é sentido como desfavorável e hostil. De todas as lâminas apresentadas somente duas mostravam o herói em situação gratificante.

Sinal de baixa auto-estima e características depressivas, devido a fantasias de abandono.

Ansiedade de castração é sentida de forma violenta e sádica (Superego), impedindo a expansão do Ego. Integração Fraca do Ego.

Amamentou no seio durante 15 dias. Acredita que estava muito tensa e introduziu a mamadeira. Como, nessa época, ficava em casa, atendia a menina sempre que chorava e dava-lhe a mamadeira no colo, conversando com ela, fazendo carinho. Largava o que estivesse fazendo para atendê-la, pois sempre a considerou a coisa mais importante.

A introdução da alimentação sólida foi feita aos poucos e houve aceitação por parte da menina.

Moram na casa de seus pais e um casal de irmãos. Julga que esta convivência incentivou o desenvolvimento de Luciana: caminhou com onze meses e falou com dezoito meses. Nesta idade pediu para parar de usar fraldas e desde então nunca mais as utilizou. Foi sempre uma criança ótima. Até o parto foi bom, não sentiu dores e não precisou analgesia.

Apesar de tudo não consegue nem imaginar ter outro filho. "Ela pede um nenê, mas neste ponto vou ser egoísta, não posso ter outro agora. A cabeça não está pronta ainda". Cita o dinheiro como motivo e a vida que leva. Acorda às 5h30min, apronta-se e à menina também. Passa o dia trabalhando e retornam às 19h.

Quando chega deixa a menina brincar com as coisas dela (mencionou o DELA com letras maiúsculas) dizendo considerar importante que ela tenha contato com seus brin-

quedos. Brinca um pouco com ela, mas já está exausta, quase dormindo.

Quando o marido chega, geralmente Luciana já está dormindo em seu quarto, ou então brinca um pouco com ele e vai dormir.

Conversam muito com a menina, lhe explicam tudo que ela pergunta: sexo, curiosidades em geral. Acha que esta é a educação que pode lhe oferecer. Faz tudo o que pode por ela, mais não dá.

Apesar de morar com sua família, todos trabalham e ela conta só com a creche para deixar a filha.

Não sabe o que farão quando a menina ingressar no 1º Grau e ficar em casa um turno. Até lá deverá achar uma solução.

Pontuação:

Concepção e gravidez: Houve ambivalência pela própria situação conflitiva da concepção. 4 pontos.

Lactância: Apesar da interrupção da amamentação natural, houve preocupação e interesse pela mãe, tanto assim que a amamentação foi exitosa. 6 pontos.

Alimentação: Processo natural e progressivo. 6 pontos.

Relação dependência/independência: Aquisição de marcha, linguagem adequadas e preocupação com a criança e sua individualidade.

- . espaço: 6 pontos;
- . presença da mãe: 6 pontos;
- . quarto: 6 pontos;
- . desmame: 5 pontos.

Controle dos esfíncteres: Respeito à individualidade da criança. 6 pontos.

Sexualidade: Percepção dos interesses da criança e preocupação em atendê-los. 6 pontos.

Média geral: 5,6 pontos.

CAT - Síntese:

Em termos cognitivos apresenta um ótimo nível intelectual: pensamento organizado, bom nível de vocabulário, facilidade de compreensão e expressão.

Percebe o meio como adequado, atendendo suas necessidades e sentindo-se integrada e amparada em situações de conflitos. Auto-imagem satisfatória, vendo-se com recursos internos para enfrentar diferentes situações.

Os conflitos relacionam-se à etapa edípica, per-

feitamente adequados ao momento evolutivo. Boa Integração do Ego.

CASOS DO GRUPO B

Caso nº 1

Nome da mãe: Leslie Idade: 29 anos

Nome do pai: Geraldo Idade: 32 anos

Nº de filhos: Henrique (18.03.80)

 Mário (07.01.84)

Grau de instrução: pai - 2º grau completo

 mãe - 2º grau completo

Síntese da entrevista:

Leslie é alta, bem vestida, roupas jovens e descontraídas.

Após serem colocados os objetivos da entrevista iniciou o relato solicitado.

A gravidez de Henrique foi planejada, estavam casados há dois anos e resolveram ter um filho.

Não moravam neste Estado. O casal residia na sua cidade natal, de onde nunca haviam saído, anteriormente.

A gravidez transcorreu normalmente sem nenhum

problema maior. O parto foi normal e as condições do menino ao nascer eram ótimas.

Amamentou-o em seguida e o menino mamava bem e tranqüilamente.

Até o final da gravidez trabalhava como secretária. Ao término de sua licença-gestante resolveu parar de trabalhar para cuidar do filho.

Neste momento refere que teve muitas dificuldades com o menino. Apesar de amamentá-lo, achava-o muito agitado. Até os seis meses ele não dormia quase e ela ficava muito nervosa. Foi um período muito difícil para ela.

Nesta mesma época surgiu uma oportunidade profissional excelente para o marido, mas que implicava em mudança de residência para outro Estado. Optaram e vieram para cá.

Henrique comia mal, não aceitava os alimentos e era tenso, chorando até com barulho de avião.

Custou a andar (1a3m) apesar de ficar no chão. Falava já aos dois anos sem dificuldades. Aceitou bem o controle dos esfíncteres que ela iniciou por volta de 1a6m.

As dificuldades do filho residem mais na área motora e afetiva. Este ano foi encaminhado para atendimento psicoterápico, devido aos problemas alimentares que se tornaram crônicos e muito graves. O pediatra alertou-a sobre

seu baixo peso e dificuldades motoras.

Tem um irmão menor. Quando nasceu teve muitas crises de ciúmes, mas agora já o aceita.

Sempre teve seu quarto próprio.

O pai é muito amigo do filho e saem bastante, está muito preocupado com o menino.

Não percebeu curiosidade sexual no menino.

Pontuação:

Concepção: A verbalização foi de gravidez planejada pelo casal. A mãe entretanto evidenciou dificuldades afetivas quanto a maternidade. 4 pontos.

Lactância: O ato da amamentação existiu, porém de maneira tensa. 3 pontos.

Alimentação: Houve dificuldades na alimentação. 3 pontos.

Relações de dependência/independência: A mãe esteve presente, de maneira tensa; houve espaço físico e condições adequadas, porém os aspectos afetivos interferiram na individuação.

- . espaço: 6 pontos;
- . presença da mãe: 3 pontos;
- . quarto: 6 pontos;
- . desmame: 4 pontos.

Controle dos esfíncteres: Aparentemente sem dificuldades. 4 pontos.

Sexualidade: Não há expressão de curiosidade sexual ou a ansiedade materna não permite a percepção adequada dos afetos do menino. 4 pontos.

Pontuação média: 3 pontos.

Teste CAT - Síntese:

As lâminas provocaram muita ansiedade no sujeito que verbalizava constantemente "não agüento mais isto aqui" (olhar para as figuras) porque lhe davam medo.

Evidencia que as fantasias sádicas-edípicas interferem na percepção do meio, na própria identificação do sujeito. Ora percebe os demais como hostis, ora percebe-se a si próprio depreciativamente.

Pelo vocabulário utilizado, simbolismo, estruturação e organização do pensamento, demonstra que o Ego tem recursos e consegue enfrentar as exigências do Superego e Id, precariamente.

Em função da história pregressa os conflitos remontam às primeiras experiências na relação mãe-filho: Integração Fraca de Ego.

Caso nº 2

Nome da mãe: Heloisa Idade: 30 anos

Nome do pai: Vicente Idade: 34 anos

Nº de filhos: Marisa (10.09.81)

Grau de instrução: Pai - 3º grau

Mãe - 3º grau

Síntese da entrevista:

Heloisa é baixa, morena de cabelos curtos, vestindo-se simplesmente, calça jeans e blusa.

Inicia dizendo que Marisa é uma criança ótima, muito alegre e carinhosa. Ela não percebe nenhuma dificuldade maior em seu desenvolvimento e está muito satisfeita com isto.

Após três anos de casamento ela e o marido resolveram encomendar um bebê. Nesta ocasião, ambos trabalhavam. Têm a mesma profissão e conheceram-se na faculdade.

A gravidez foi ótima e o parto foi normal. Quando Marisa nasceu resolveu parar de trabalhar e se dedicar somente à menina. A rotina familiar é a seguinte: fica em casa com a menina e o marido só chega à noite.

Amamentou até os sete meses, a menina mamava bem, tinha o sono tranquilo. Introduziu a alimentação sólida gradualmente. Ela aceitou bem tudo, só que prefere fru-

tas a verduras.

Ficava bastante tempo no chão, à vontade, tanto é que caminhou muito cedo, com onze meses. Dizia também algumas palavras.

Sempre foi uma criança carinhosa e gosta de ficar com outras crianças e brincar.

O marido a ajuda muito, fica com a menina quando ela precisa sair, dá banho, a alimenta.

Ela dorme no seu quarto onde tem seus brinquedos e bonecas. Não verbalizou nenhuma pergunta de ordem sexual, só as referentes à diferença de sexos. Respondem com a verdade pois acreditam que esta é a maneira correta de agir.

Quando precisam sair, ou vão a algum show, deixam a menina com a avó.

Pretende voltar a trabalhar mas só depois que tiver outro filho. Sente-se melhor assim, pois não confia em babás ou creches. Prefere ela mesma cuidar dos filhos, pois acha que exigem muita atenção e carinho.

Introduziu o controle dos esfíncteres quando a menina aceitou fazer fora das fraldas, na idade de dois anos.

Pontuação:

Concepção: A mãe verbaliza que a gravidez foi planejada pelo casal. Realmente ocorre muita satisfação para o casal e há evidências de grande interesse pela menina e participação do pai nos seus cuidados. 6 pontos.

Lactância: A amamentação é exitosa, referindo a mãe que era um momento tranquilo. 6 pontos.

Alimentação: Confirmação da etapa anterior quanto à amamentação. Ocorre uma transposição natural para alimentação sólida. 6 pontos.

Relações de dependência/independência: Havia espaço físico adequado, sendo a presença da mãe um fator de apoio ao desenvolvimento da criança.

. espaço, presença da mãe, quarto e desmame: 6 pontos cada um.

Controle dos esfíncteres: Realizado conforme maturidade da criança. 6 pontos.

Sexualidade: Posição definida do casal quanto à sexualidade. 6 pontos.

Pontuação média: 6.

Teste CAT - Síntese:

Demonstra uma auto-imagem adequada, percebendo-se em condições de lidar com as dificuldades do meio, com re-

cursos próprios.

Percebe o meio como favorável, atendendo suas necessidades afetivas, conseguindo relacionar-se com os demais de forma tranqüila.

Predominam os conflitos edípicos: rivalidade materna e culpa frente a expressão de agressividade. Estes conflitos não interferem em sua adaptação em geral, relacionando-se ao momento evolutivo atual. Boa Integração do Ego.

Comentários

Os quatro casos selecionados apresentam características em comum, referentes principalmente aos dados da história de cada família.

Os casos dos pais Fabíola e Ricardo e Leslie e Geraldo correspondem aos que obtiveram a menor pontuação e foram considerados como Relação Mãe-Filho Insatisfatória. As crianças, por sua vez, tiveram classificação de Integração Fraca de Ego.

No caso de Fabíola há evidentes dificuldades afetivas individuais e no casal que se expressam na dificuldade em cuidar da filha, proporcionando-lhe um relacionamento saudável.

Desde a concepção a mãe expressa sua ambivalência com relação à maternidade, ocorrendo inclusive episódios de maus tratos à menina.

A relação afetiva do casal é conflituosa, o que prejudica mais ainda o desenvolvimento emocional de Maria.

Comparando-se ao caso de Leslie e Geraldo, o caso de Fabíola é mais regressivo. No caso de Leslie, a mãe sentiu dificuldades com relação ao filho, mas houve condições afetivas no casal de perceber esta situação e procurar uma solução. Coisa que Fabíola e Ricardo não conseguem, permanecendo nesta relação conflituosa e ansiogênica.

Ambas crianças expressaram no teste CAT estes conflitos, tendo dificuldades de relação com o meio, timidez e ansiedade. Em termos diagnósticos a conflitiva é diferente, em termos de origem e estrutura, análise esta não objetivada por este trabalho.

Nos casos de Ana e Luís e Heloisa e Vicente ocorre uma melhor integração do casal e percepção de suas necessidades afetivas.

Ana e Luís, apesar dos conflitos de uma gravidez não planejada e dificuldades financeiras, conseguiram alcançar um nível de relação mais amadurecido: há consciência das limitações próprias individuais e da filha. Quando

Ana verbaliza que não se imagina tendo outro filho, expressa que não teria condições afetivas de dedicar-se a outra criança. O casal enfrenta as dificuldades encontradas com uma avaliação mais adequada de suas potencialidades. Mesmo cansada, Ana sabe que é importante dedicar-se à filha, no período da noite.

Heloisa e Vicente também evidenciam uma relação mais prazerosa na vida familiar, com satisfação no cuidado dos filhos e percepção de suas necessidades.

3.7.2.2 - Análise quantitativa

As entrevistas com as mães do Grupo A (mães que trabalham fora do lar) e do Grupo B (mães que não trabalham fora do lar) foram classificadas obtendo-se a média individual de cada caso, bem como a média geral dos dois grupos. Após a classificação, os dados foram organizados quanto à relação mãe-filho (satisfatória/insatisfatória) e o desenvolvimento emocional (três níveis de integração de Ego), obtidos pelo teste CAT.

TABELA Nº 6

PONTUAÇÃO OBTIDA PELO GRUPO A NAS ENTREVISTAS, MÉDIA INDIVIDUAL, MÉDIA GERAL E A CLASSIFICAÇÃO CORRESPONDENTE QUANTO À RELAÇÃO MÃE-FILHO

| NOME DA MÃE | ITENS | RELAÇÕES DEPENDÊNCIA x INDEPENDÊNCIA | | | | | | | | SEXUALIDADE | MÉDIA | CLASSIFICAÇÃO |
|-------------|-------|--------------------------------------|-----------|-------------|--------|-----|--------|---------|---------------------|-------------|-------|----------------|
| | | CONCEPÇÃO | LACTÂNCIA | ALIMENTAÇÃO | ESPAÇO | MÃE | QUARTO | DESMAME | CONTROLE ESFÍCTERES | | | |
| 1. Iara | 2 | 4 | 4 | 4 | 5 | 5 | 5 | 3 | 4 | 3 | 4,0 | Insatisfatório |
| 2. Karen | 2 | 4 | 4 | 4 | 5 | 5 | 3 | 3 | 4 | 2 | 3,5 | Insatisfatório |
| 3. Solange | 4 | 4 | 4 | 4 | 6 | 5 | 6 | 2 | 4 | 5 | 4,4 | Insatisfatório |
| 4. Cláudia | 4 | 5 | 6 | 6 | 6 | 5 | 6 | 4 | 2 | 4 | 4,6 | Insatisfatório |
| 5. Michelle | 3 | 4 | 6 | 6 | 6 | 5 | 2 | 4 | 6 | 5 | 4,5 | Insatisfatório |
| 6. Ana | 4 | 6 | 6 | 6 | 6 | 6 | 6 | 5 | 6 | 6 | 5,6 | Satisfatório |
| 7. Marina | 4 | 5 | 4 | 4 | 6 | 5 | 3 | 5 | 4 | 3 | 4,3 | Insatisfatório |
| 8. Suzana | 4 | 4 | 6 | 6 | 6 | 5 | 6 | 3 | 5 | 6 | 5,0 | Satisfatório |
| 9. Tânia | 6 | 4 | 3 | 3 | 6 | 6 | 3 | 3 | 4 | 4 | 4,3 | Insatisfatório |
| 10. Eulália | 3 | 3 | 4 | 4 | 6 | 6 | 3 | 2 | 5 | 5 | 4,1 | Insatisfatório |
| 11. Ângela | 6 | 5 | 5 | 4 | 4 | 4 | 6 | 6 | 6 | 4 | 5,3 | Satisfatório |
| 12. Lilian | 3 | 3 | 4 | 4 | 4 | 4 | 5 | 3 | 2 | 6 | 3,7 | Insatisfatório |
| 13. Sueli | 3 | 4 | 3 | 3 | 4 | 4 | 2 | 3 | 2 | 2 | 3,0 | Insatisfatório |
| 14. V.Lúcia | 4 | 3 | 4 | 4 | 5 | 4 | 4 | 3 | 5 | 4 | 4,0 | Insatisfatório |
| 15. Andréa | 4 | 4 | 4 | 4 | 5 | 5 | 5 | 5 | 5 | 4 | 4,5 | Insatisfatório |
| 16. Marli | 2 | 2 | 4 | 4 | 4 | 5 | 3 | 2 | 2 | 4 | 3,1 | Insatisfatório |
| 17. A.Maria | 4 | 4 | 4 | 4 | 5 | 5 | 3 | 4 | 5 | 3 | 4,1 | Insatisfatório |
| 18. Laura | 4 | 6 | 6 | 6 | 6 | 5 | 6 | 5 | 6 | 5 | 5,4 | Satisfatório |
| 19. Fabíola | 2 | 4 | 4 | 4 | 3 | 2 | 2 | 2 | 3 | 4 | 2,8 | Insatisfatório |
| 20. Vera | 6 | 4 | 6 | 6 | 6 | 6 | 6 | 6 | 3 | 6 | 5,4 | Satisfatório |
| \bar{X} | 3,3 | 4,1 | 4,3 | 5,2 | 4,8 | 4,2 | 3,6 | 4,1 | 4,2 | 4,3 | - | |

TABELA Nº 7

PONTUAÇÃO OBTIDA PELO GRUPO B NAS ENTREVISTAS, MÉDIA INDIVIDUAL, MÉDIA GERAL E A CLASSIFICAÇÃO CORRESPONDENTE QUANTO À RELAÇÃO MÃE-FILHO

| NOME DA MÃE | ITENS | CONCEPÇÃO | LACTÂNCIA | ALIMENTAÇÃO | RELAÇÕES DEPENDÊNCIA X INDEPENDÊNCIA | | | | CONTROLE ESFÍNCteres | SEXUALIDADE | MÉDIA | CLASSIFICAÇÃO |
|--------------|-------|-----------|-----------|-------------|--|--------|---------|-----|-------------------------|-------------|-------|----------------|
| | | | | | ESPAÇO MÃE | QUARTO | DESMAME | | | | | |
| 1. Leslie | | 4 | 3 | 3 | 6 | 3 | 6 | 4 | 4 | 4 | 3,0 | Insatisfatório |
| 2. Cândida | | 4 | 6 | 6 | 6 | 6 | 3 | 4 | 6 | 6 | 5,2 | Satisfatório |
| 3. Mari | | 4 | 4 | 6 | 6 | 6 | 6 | 4 | 6 | 4 | 4,6 | Insatisfatório |
| 4. Marina | | 4 | 5 | 3 | 6 | 4 | 6 | 3 | 2 | 3 | 4,4 | Insatisfatório |
| 5. Elaine | | 4 | 3 | 4 | 6 | 6 | 6 | 6 | 6 | 6 | 5,6 | Satisfatório |
| 6. Beth | | 4 | 3 | 4 | 6 | 6 | 6 | 6 | 4 | 6 | 5,0 | Satisfatório |
| 7. Ana Maria | | 4 | 3 | 4 | 6 | 6 | 6 | 6 | 4 | 6 | 5,0 | Satisfatório |
| 8. Tânia | | 2 | 1 | 4 | 6 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | 3,6 | Insatisfatório |
| 9. Cleide | | 6 | 5 | 5 | 6 | 6 | 6 | 5 | 6 | 5 | 5,5 | Satisfatório |
| 10. Raquel | | 5 | 4 | 6 | 6 | 5 | 6 | 4 | 4 | 5 | 5,0 | Satisfatório |
| 11. Sandra | | 6 | 4 | 4 | 6 | 3 | 6 | 4 | 6 | 6 | 5,0 | Satisfatório |
| 12. Thaís | | 3 | 4 | 6 | 6 | 6 | 6 | 4 | 6 | 5 | 5,1 | Satisfatório |
| 13. Wanda | | 6 | 6 | 6 | 4 | 6 | 5 | 6 | 6 | 6 | 6,0 | Satisfatório |
| 14. Helen | | 3 | 4 | 4 | 4 | 3 | 3 | 2 | 3 | 3 | 3,2 | Insatisfatório |
| 15. Marilena | | 4 | 5 | 6 | 7 | 6 | 3 | 3 | 6 | 6 | 5,4 | Satisfatório |
| 16. Angela | | 3 | 6 | 6 | 6 | 6 | 6 | 3 | 6 | 4 | 5,1 | Satisfatório |
| 17. Heloisa | | 6 | 6 | 6 | 6 | 6 | 6 | 6 | 6 | 6 | 6,0 | Satisfatório |
| 18. Carla | | 6 | 6 | 6 | 6 | 6 | 6 | 3 | 5 | 6 | 5,6 | Satisfatório |
| \bar{X} | | 4,3 | 4,3 | 4,9 | 5,8 | 5,2 | 5,5 | 4,3 | 5,0 | 5,1 | 4,9 | - |

A seguir, são apresentadas as tabelas com a clas
sificação da relação mãe-filho e do desenvolvimento emocio
nal, dos Grupos A e B.

TABELA Nº 8

CLASSIFICAÇÃO DA RELAÇÃO MÃE-FILHO E O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL, DO GRUPO A

| NOME DA MÃE | RELAÇÃO MÃE-FILHO (SATISFATÓRIA/INSATISFATÓRIA) | DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL (INTEGRAÇÃO BOA,REGULAR E FRACA DE EGO) | NOME DO FILHO |
|---------------|---|---|---------------|
| 1.Iara | Insatisfatória | Fraca | 1.Marcela |
| 2.Karen | Insatisfatória | Fraca | 2.Fernando |
| 3.Solange | Insatisfatória | Fraca | 3.Janete |
| 4.Cláudia | Insatisfatória | Regular | 4.Heloisa |
| 5.Michelle | Insatisfatória | Boa | 5.Sandra |
| 6.Ana | Satisfatória | Boa | 6.Luciana |
| 7.Marina | Insatisfatória | Regular | 7.Fabiana |
| 8.Suzana | Satisfatória | Boa | 8.Vanessa |
| 9.Tânia | Insatisfatória | Regular | 9.Rogério |
| 10.Eulália | Insatisfatória | Regular | 10.Aline |
| 11.Angela | Satisfatória | Regular | 11.Cristina |
| 12.Lilian | Insatisfatória | Fraca | 12.Andréa |
| 13.Sueli | Insatisfatória | Fraca | 13.Airton |
| 14.Vera Lúcia | Insatisfatória | Boa | 14.Joice |
| 15.Andréa | Insatisfatória | Boa | 15.Marta |
| 16.Marli | Insatisfatória | Fraca | 16.Carlos |
| 17.Ana Maria | Insatisfatória | Boa | 17.Paulo |
| 18.Laura | Satisfatória | Boa | 18.João |
| 19.Fabíola | Insatisfatória | Fraca | 19.Maria |
| 20.Vera | Satisfatória | Boa | 20.Ricardo |

TABELA Nº 9

CLASSIFICAÇÃO DA RELAÇÃO MÃE-FILHO E O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL, DO GRUPO B

| NOME DA MÃE | RELAÇÃO MÃE-FILHO (SATISFATÓRIA/ INSATISFATÓRIA) | DESENVOLVIMEN TO EMOCIONAL (INTEGRAÇÃO BOA,REGULAR E FRACA DE EGO) | NOME DO FILHO |
|-------------|---|--|-----------------|
| 1.Leslie | Insatisfatória | Fraca | 1.Henrique |
| 2.Cândida | Satisfatória | Boa | 2.Sibelle |
| 3.Mari | Insatisfatória | Regular | 3.Cláudia |
| 4.Marina | Insatisfatória | Fraca | 4.Fúlvio |
| 5.Elaine | Satisfatória | Boa | 5.Rogério |
| 6.Beth | Satisfatória | Boa | 6.Laura |
| 7.Ana Maria | Satisfatória | Boa | 7.Felipe |
| 9.Tânia | Insatisfatória | Regular | 8.Patrícia |
| 9.Cleide | Satisfatória | Boa | 9.Marcus |
| 10.Raquel | Satisfatória | Boa | 10.Sônia |
| 11.Sandra | Satisfatória | Boa | 11.Raul |
| 12.Thais | Satisfatória | Boa | 12.Paula |
| 13.Wanda | Satisfatória | Boa | 13.Mirna |
| 14.Helen | Insatisfatória | Regular | 14.Margot |
| 15.Marilena | Satisfatória | Boa | 15.Luciano |
| 16.Ângela | Satisfatória | Boa | 16.Maria Helena |
| 17.Heloisa | Satisfatória | Boa | 17.Janice |
| 18.Carla | Satisfatória | Boa | 18.Márcio |

A partir destes dados, apresentados nas tabelas 6, 7, 8 e 9, podem-se organizar as seguintes análises segundo as perguntas de pesquisa.

A primeira análise se refere ao Grupo A (mães que trabalham fora do lar) quanto à relação mãe-filho e a integração do Ego.

TABELA Nº 10

DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIA NO GRUPO A DAS VARIÁVEIS RELAÇÃO MÃE-FILHO E DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

| INTEGRAÇÃO DE EGO | RELAÇÃO MÃE-FILHO | | INSATISFATÓRIA | |
|-------------------|-------------------|----|----------------|----|
| | SATISFATÓRIA | | | |
| | n. | % | n | % |
| Boa | 4 | 20 | 4 | 20 |
| Regular | 1 | 5 | 4 | 20 |
| Fraca | 0 | 0 | 7 | 35 |
| TOTAL | 5 | 25 | 15 | 75 |

$\chi^2 p < 0,05$

O número de crianças quanto à variável relação mãe-filho (satisfatória e insatisfatória) foi o mesmo a nível de Boa Integração de Ego, com um total de quatro crianças em cada um.

Com relação satisfatória e Integração Regular de Ego encontrou-se uma criança e quatro com relação insatisfatória.

Com relação satisfatória e Integração Fraca de Ego não foi classificada nenhuma criança. Ao contrário, com relação insatisfatória se obteve um número de sete.

No Grupo A houve um maior número de casos com relação mãe-filho insatisfatória (15 casos) e um maior número de crianças com integração regular e fraca de Ego (11 casos).

Utilizando-se o teste X^2 para verificar se ocorre associação significativa entre estas duas variáveis, observa-se que o resultado não é significativo. Portanto, as variáveis relação mãe-filho e o desenvolvimento emocional não evidenciaram associação significativa, no Grupo A.

TABELA Nº 11

DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIA NO GRUPO B DAS VARIÁVEIS RELAÇÃO MÃE-FILHO E DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

| INTEGRAÇÃO DE EGO | RELAÇÃO MÃE-FILHO | | INSATISFATÓRIA | |
|-------------------|-------------------|------|----------------|------|
| | SATISFATÓRIA | | | |
| | n | % | n | % |
| Boa | 12 | 66,7 | 0 | 0,0 |
| Regular | 1 | 5,6 | 3 | 16,7 |
| Fraca | 0 | 0 | 2 | 11,1 |
| TOTAL | 13 | 72,2 | 5 | 27,8 |

X^2 p > 0,05

No Grupo B (mães que não trabalham fora do lar),

observou-se, conforme os dados na tabela nº 9, que a nível de Boa Integração de Ego houve um número de doze crianças com relação satisfatória e nenhuma com relação insatisfatória.

Com Integração Regular de Ego houve um caso com relação satisfatória e três casos com relação insatisfatória.

Desta maneira, o maior número de casos foi de crianças com Boa Integração de Ego e relação satisfatória.

Utilizando-se o teste X^2 verificou-se a existência de associação significativa entre as duas variáveis (relação mãe-filho e desenvolvimento emocional).

Aplicando-se o teste X^2 nos Grupos A e B separadamente obteve-se resultados diferentes quanto à associação das variáveis.

Ampliando-se a amostra e utilizando-se os dois Grupos A e B encontrou-se os seguintes resultados:

TABELA Nº 12

DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIA DAS VARIÁVEIS RELAÇÃO MÃE-FILHO
E DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

| INTEGRAÇÃO DE EGO | RELAÇÃO MÃE-FILHO | | INSATISFATÓRIA | |
|-------------------|-------------------|------|----------------|------|
| | SATISFATÓRIA | | | |
| | n | % | n | % |
| Boa | 16 | 42,1 | 4 | 10,5 |
| Regular | 2 | 5,3 | 7 | 18,4 |
| Fraca | 0 | 0 | 9 | 23,7 |
| TOTAL | 18 | 47,4 | 20 | 52,6 |

$X^2 p > 0,03$

Esta análise considera a terceira pergunta de pesquisa, se houve associação significativa entre a variável relação mãe-filho e o desenvolvimento emocional.

A maior amostragem confirma o resultado encontrado com a amostragem parcial evidenciando a associação entre as duas variáveis.

Por último, considerando-se a última pergunta de pesquisa, quanto à associação entre o desenvolvimento emocional e a ocupação materna, verifica-se que esta não ocorre a nível significativo.

TABELA Nº 13

DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIA DAS VARIÁVEIS OCUPAÇÃO MATERNA
E DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

| | GRUPO A | GRUPO B |
|-----------|---------|---------|
| Boa | 8 | 12 |
| Regular | 5 | 4 |
| Fraca | 7 | 2 |
| T O T A L | 20 | 18 |

 $X^2 < 0,05$

A partir das quatro perguntas de pesquisa observa-se que a associação significativa ocorreu com relação à variável relação mãe-filho e desenvolvimento emocional.

4 - DISCUSSÃO

No estudo dos casos realizados, 38 ao todo, o que mais caracterizou a amostra foi a dificuldade de se tentar comparar as diferentes estruturas familiares investigadas. Cada caso, sozinho, merecia uma análise complexa, visto refletirem um universo particular, com características próprias da história individual de cada família.

Isto configura um quadro por demais complexo e que de maneira alguma esgota as várias possibilidades de análise do problema em estudo. No entanto, se procurou organizar uma análise de algumas características importantes e comuns aos grupos, possibilitando uma compreensão mais dinâmica.

Retomando a questão que se investigou neste trabalho, acerca da influência sobre o desenvolvimento emocional de crianças cuidadas grande parte do dia em creche (mãe trabalha fora do lar) e crianças cuidadas grande parte do dia em casa (mães que não trabalham fora do lar), verificou-se de imediato a seguinte situação na escolha da amostra. Como salienta Rutter (1981) e Belsky & Steinberg (1978), a maioria dos estudos nesta área são provenientes de locais especializados e de altíssima qualidade, geral-

mente atendendo a uma população de maior renda. Por isso optou-se por uma creche e pré-escola que atendessem uma parcela da população com renda entre sete a dez salários mínimos e, portanto, não utilizando serviços tão especializados.

Os fatores considerados como básicos para o êxito, em termos gerais, do desenvolvimento da criança que permanece em creche envolvem algumas condições quanto ao número de horas de permanência e convívio com os pais (Rutter, 1981).

Num âmbito maior, levanta-se a pergunta de qual o significado para a mulher do seu trabalho com relação à maternidade, se houve a possibilidade de optar por ele e, até mesmo, o número de horas dispendidas neste trabalho.

Estes pontos são determinantes para a satisfação própria da mulher como indivíduo, no âmbito profissional e pessoal, e quanto ao cuidado de seus filhos.

A relação da mulher com seu trabalho terá consequências na sua satisfação pessoal, o que satisfaz um item importante da relação mãe-filho: ter disponibilidade afetiva de estar com a criança nas horas livres.

Todo o cuidado da criança envolve não somente a mãe, mas o casal como um todo.

Em última instância, a mulher deve encontrar satisfação no exercício de sua maternidade e isto envolve

os aspectos inconscientes de sua personalidade.

A maternidade é uma das funções mais gratificantes da mulher e totalmente relacionada à primitiva relação com a mãe (Langer, 1978). A nível consciente o cuidado dos filhos se traduzirá na forma em que a mulher se organizará nesta tarefa.

Neste sentido, são os fatores inconscientes da personalidade da mulher que determinarão suas vivências na relação com seu filho. Entretanto, não se pode omitir que estão inseridos num contexto social.

Assim, analisemos primeiramente estes aspectos mencionados, como a manifestação voluntária do desejo de trabalhar fora do lar, o desejo de ter mais filhos (ou já os tem) e alguns aspectos da rotina familiar quanto ao cuidado dos filhos, nas mães investigadas.

4.1 - Análise do Grupo A (mães que trabalham fora do lar)

A seguir, são analisadas as características do Grupo A, considerando-se os aspectos mencionados anteriormente.

No Grupo A a verbalização de todas as mães era que "o verdadeiro motivo que tinham aquele trabalho era financeiro". Consideravam que a renda familiar era muito baixa e necessitavam trabalhar. Todas exerciam cargos de ní-

vel médio, mesmo as quatro mães com nível de instrução superior.

Exatamente dez mães (50% da amostra) desejavam ou tinham mais filhos (número máximo de dois) e as outras dez verbalizaram ser impossível atender uma criança, na atual organização familiar, considere-se duas.

Todas as mães consideraram a organização familiar deficiente e cansativa: trabalhavam muito, cuidavam da casa e dos filhos, não tinham tempo para estar com os filhos.

A creche, para o grupo, era sinônimo de estabilidade e segurança no cuidado dos filhos, porém gostariam de poder acompanhar mais de perto seu desenvolvimento. Colocaram que uma grande dificuldade era quando os filhos adoeciam. Viam-se frente ao impasse de deixá-los com vizinhos ou faltar ao trabalho. As mães de crianças com cinco anos verbalizaram também a preocupação quanto ao término do período de frequência da creche, visto que a idade de seis anos era o limite máximo.

A partir desta idade, então, a criança teria que ficar um turno em casa.

Quanto ao aspecto de disponibilidade de tempo durante as horas vagas, destaca-se que nenhuma delas mantinha empregada doméstica em casa, somente o serviço de faxineiras que compareciam duas a três vezes por semana em suas

casas. Portanto, as horas livres se reduziam muito, pois necessitavam executar as tarefas domésticas.

Quatro mães estudavam à noite, o que diminuía consideravelmente o tempo de convivência com seus filhos. A média deste grupo era de 3,5 horas diárias para as mães e 3,8 horas diárias para os pais.

Este quadro corresponde a uma síntese muito simplista do conteúdo das entrevistas. Serve somente para ilustrar pequenos aspectos dos casos.

Houveram onze casos de gravidez não planejada ou de as mães verbalizaram motivos relacionados à imaturidade para cuidar de um filho, dificuldades econômicas e/ou dificuldades na vida de relação do casal. Estes casos são analisados a seguir.

Os casos de Fabíola(nº 3), Marina(nº 7), Karen(nº17), Ana Maria(nº19) e Marli(nº 20) evidenciaram basicamente dificuldades sérias na vida do casal, que redundaram em divórcio, com exceção de Fabíola.

Fabíola relata em sua entrevista uma crise conjugal permanente, com dificuldades graves e crônicas no cuidado da filha, por parte de ambos os pais. Ela permanece ausente de casa durante o dia e três noites por semana estuda. O casal briga muito em função das dificuldades de organizar a casa e cuidar da filha.

Esta situação se reflete totalmente no desenvol-

vimento de Maria. As dificuldades remontam ao primeiro ano de vida, quando era cuidada por terceiros e recebeu calmantes para dormir. O caso foi muito grave, sendo necessário sua hospitalização. Na avaliação do teste CAT demonstrou que estes conflitos estão interferindo seriamente no seu desempenho em geral.

Nos casos de Andréa (nº 8), Michelle (nº 9), Vera Lúcia (nº 10) e Luciana (nº 11) houve uma maior aceitação por parte do casal da chegada do bebê e um melhor acompanhamento e relação da mãe com a criança.

O caso de Michelle (nº 9) exemplifica alguns aspectos importantes da amostra. A mãe e o pai demonstram interesse pela filha, mas expressam a dificuldade que sentem em organizar-se para atender as exigências de infra-estrutura, como almoço e janta e os aspectos afetivos. A mãe percebe-se como muito ausente de casa, estuda todas as noites e vê o pai como muito desorganizado para ficar com a filha. Considera que se exigem bastante, mas que se não estudar agora não poderá melhorar financeiramente no futuro.

O caso de Vera Lúcia (nº 10) ilustra uma situação familiar difícil a princípio, com o casal tendo dificuldades de relacionamento. A partir da crise, ocorreu um processo de amadurecimento que possibilitou uma integração maior.

A mãe Ana (nº 11) foi a que obteve maior pontuação na avaliação quantitativa (5,6 pontos). Este caso foi

o único na amostra que evidenciou possuir, pelo relato da mãe, o maior número de indicadores de maturidade na relação do casal como da educação da filha. Demonstraram uma percepção das dificuldades existentes com uma séria preocupação de encontrar soluções, respeitando a individualidade de cada um. Procuraram atenuar o pouco horário de convívio com a filha dedicando-se a ela nos horários vagos, conversando muito sobre o que fizeram durante o dia e brincando. A menina evidencia uma boa relação com os pais e um desenvolvimento emocional com Boa Integração de Ego.

Os casos de Eulália (nº 12) e Lilian (nº 15) referem-se a situações intermediárias, porém caracterizando-se pela existência de dificuldades na relação mãe-filho. Em ambos os casos, as mães verbalizaram que têm inibições quanto a demonstração de afeto à criança e que ambas foram geradas em momentos de muita tensão em suas vidas. Eulália, por motivos de crise conjugal, e Lilian, por motivos financeiros. A menina Andréa (Lilian) é a que apresenta um maior número de inibições, tanto de isolamento em geral, como de aspectos cognitivos, confirmados na avaliação do CAT. Aline (Eulália) evidenciou um nível de ansiedade maior que reflete basicamente numa conduta agitada e ansiosa.

Em dois casos, Solange (nº 4) e Tara (nº 14), há indícios de parto de alto risco, onde houve menção por parte das mães de dificuldades respiratórias graves nas crianças.

No caso de Solange, a menina Janete apresenta dificuldades cognitivas de aprendizado, mas também uma inibição a nível de relação. Entretanto, não há uma confirmação especializada da origem destas condutas, como no caso de Iara. A menina Marcela recebeu orientação médica para tratamento especializado que a mãe não cumpre. Alegou que os serviços gratuitos são muito "desorganizados e lentos" e que não tem dinheiro para pagar um serviço particular.

Dentre os casos, nove mães verbalizaram que a gravidez foi desejada: Laura(nº 1), Vera(nº 2), Solange(nº 4), Suzana(nº 5), Cláudia(nº 6), Tânia(nº 13), Iara (nº 14), Ângela(nº 16) e Sueli(nº 18).

Destas nove crianças, quatro foram consideradas como tendo um bom desenvolvimento emocional (boa integração de Ego).

Laura (nº 1) apresenta uma boa relação com o filho, evidenciada por uma relação afetuosa e preocupada com o desenvolvimento da criança, procurando sempre atender às necessidades do menino. Procurou amamentá-lo o maior tempo possível, organizando-se para isto em termos de horário. Introduziu os alimentos adequadamente e o estimulou a caminhar conforme seu próprio desenvolvimento. O controle dos esfíncteres foi lento, mas não forçado. A crise atual com o marido é um fator que a preocupa muito.

Vera (nº 2) também se insere nesta situação. O pai compareceu à entrevista e foi possível constatar uma

boa relação do casal e interesse pelo desenvolvimento do filho. Preocupam-se com a pouca convivência com a criança, e o pai, que tem um horário mais flexível, procura auxiliar a mãe e cuidar do menino.

Suzana (nº 5) diz que a gravidez a deixou muito satisfeita. Procuram atender o melhor possível sua filha e consideram que se desgastam muito, por isto não querem ter mais filhos. Não haveria condições de cuidá-los tão bem quanto o fazem com Vanessa.

Ângela (nº 16) relata que o casal planejou a criança e acompanharam toda a gravidez com muita satisfação. Conversam muito sobre a filha e procuram atendê-la muito bem. Estão preocupados com o fato dela ter recomeçado a urinar na cama e ter medo de escuro. Na avaliação do teste CAT, Cristina evidenciou estar num momento evolutivo onde estão prevalecendo fantasias agressivas com relação à mãe, originadas da rivalidade própria deste período. Foi o único caso deste grupo considerado como tendo Integração Regular de Ego.

As cinco mães, das nove que verbalizaram ser gravidez desejada, cujos filhos não foram considerados com um desenvolvimento emocional adequado foram: Solange (nº 4), Cláudia (nº 6), Tânia (nº 13), Iara (nº 14) e Sueli (nº 18). Destas, os casos de Solange e Iara já foram comentados anteriormente.

Cláudia (nº 16) relata que ficou muito feliz com

a gravidez, tanto ela como o marido. São pessoas muito humildes que lutaram bastante e escolheram que teriam condições de ter um só filho. Dedicam-se bastante à filha, tanto que teve de parar de trabalhar, durante um ano, pois a menina nasceu com uma luxação congênita nas pernas. Ficou engessada durante seis meses e, após retirarem o gesso, necessitava massagens diárias. Diz que a menina é muito assustada e que há bastante tempo tem feito xixi na cama depois de ter aprendido, uns seis meses mais ou menos. Outra dificuldade é que tem problemas para pronunciar o "r" das palavras.

Tânia (nº 13) também menciona uma gravidez planejada. Era o primeiro filho do casal e dedicaram-se muito a ele. Acha que é muito ansiosa e preocupada com o menino porque sente-se culpada de não poder cuidá-lo melhor. A rotina do casal se estrutura da seguinte forma: acordam às 5h30min e vestem os dois filhos, tomam café e organizam a casa. Saem cedo, em torno das 6h45min e utilizam taxi lotação para vir até o centro. Levam ao todo 20min no percurso até a creche. Chegam lá, deixam as crianças, o que demora uns 10 min. Às 7h20min pegam outra lotação que os leva ao local de trabalho. O mesmo acontece na volta para casa. À noite jantam e vão dormir. O menino é um ótimo garoto, mas tem um sério problema de inapetência, desde o nascimento. Já foi chamado na escola devido a seus problemas de linguagem. Diz que ele dorme com os pais.

Sueli (nº 18) verbalizou que a gravidez foi pla-

nejada. Entretanto, através de suas histórias verifica-se a existência de sérios conflitos na vida de relação do casal. A concepção de Airton está relacionada ao desejo de dar um filho ao marido, assim como a primeira esposa o fez. Sueli é sua segunda mulher e sente-se muito insegura. Engravidou mesmo havendo contraindicação médica. Tem pressão alta e necessitou várias vezes ser hospitalizada. O menino tem obesidade excessiva, o que lhe dificulta a coordenação motora em geral. O pediatra orienta-a quanto a uma série de itens: alimentação, retirá-lo do quarto dos pais para dormir, estimulação adequada, e ela diz que mente a ele dizendo que segue suas idéias, mas não o faz.

Dos onze casos onde a gravidez não foi planejada, quatro foram considerados como tendo um bom desenvolvimento emocional (Boa Integração de Ego): Andréa(nº 8), Michelle(nº 9), Vera Lúcia(nº 10) e Ana(nº 11). Todos estes casos já foram mencionados e referem-se à má estrutura familiar, onde há preocupação com os conflitos e tentativa de solução mais adequada, como o caso de Ana (nº 11) e Andréa (nº 8). No caso de Vera (nº 10) os conflitos foram mais sérios e o casal solicitou auxílio profissional.

Michele (nº 9) é o único caso que está na situação mais precária, mas ainda assim mantém-se num nível razoável de integração. Ocorre colaboração entre o casal para o cuidado da criança. A mãe sente-se culpada por estudar à noite e ver a filha tão pouco.

Os primeiros aspectos levantados quanto à análise deste grupo destacaram o fator relativo à motivação das mães para trabalhar, que era somente de aspecto financeiro; a pouca convivência diária com os filhos e a sobrecarga de trabalho diário, visto executarem as tarefas domésticas também.

A análise dos casos, um pouco mais individualizada, permitiu apontar outros aspectos importantes deste grupo. Referem-se, basicamente, às dificuldades afetivas, individuais ou do casal, frente aos problemas de sua vida em geral.

Vários grupos se constituíram a partir da análise do item quanto a gravidez da criança ser planejada ou não. O fato de ser desejada não é sinônimo de inexistência de conflitos, mas indica uma maior integração do casal.

Ao todo, no Grupo A, oito crianças foram classificadas como tendo Boa Integração de Ego, cinco foram classificadas como Integração Regular de Ego e sete como Integração Fraca de Ego. O predomínio de frequências das crianças deu-se nos dois últimos itens de classificação (Integração Regular e Fraca).

As crianças consideradas como Boa Integração de Ego tiveram um desenvolvimento emocional adequado, evidenciado no teste CAT. As demais crianças apresentaram um nível mais intenso de ansiedade devido à presença de conflitos mais complexos.

Das crianças que obtiveram classificação como Boa Integração de Ego, quatro tinham relação satisfatória e quatro tinham relação insatisfatória com suas mães. Estes quatro últimos casos são os de Michelle (nº 9), Vera Lúcia (nº 10), Andréa (nº 8) e Ana (nº 19).

Nos três primeiros casos, já mencionados anteriormente, prevalecem características de uma melhor capacidade de auto-percepção e avaliação por parte dos pais de suas dificuldades e a influência no desenvolvimento dos filhos. Tanto é que foram classificados como relação insatisfatória por uma diferença muito pequena de pontuação.

No caso de Ana e Saulo (nº 19), apesar de também existir uma pequena diferença na pontuação, a capacidade de discriminar e auto-perceber-se da mãe, não era tão notável. Saulo tinha recursos egóicos adequados no momento da avaliação, sem nenhuma evidência de conflitos mais sérios.

Somente um caso ocorreu com Integração Regular de Ego e relação satisfatória, que foi o de Ângela (nº 16). Esta situação se deve mais ao momento evolutivo da menina do que propriamente a conflitos internalizados. Os pais são pessoas interessadas e presentes na vida da menina reforçando mais a idéia de que a ansiedade atual refere-se a exigências maturativas.

Os casos considerados como Integração Fraca de Ego foram em número de sete e todos tinham relação insatisfatória.

Observa-se que estas famílias recebem pouco apoio de outros membros familiares: avós, tios, etc., sendo a creche a única forma alternativa de cuidado. Há menção até da dificuldade encontrada quando os filhos adoecem e necessitam de um cuidado maior.

Neste grupo, os fatores colocados por Rutter (1981) para um desenvolvimento adequado da criança que permanece em creche não são satisfeitos plenamente.

O motivo do trabalho das mães era de subsistência e não houve uma verbalização de ordem profissional, com desejos de crescimento e independência financeira.

O tempo de convívio com os filhos é muito reduzido e sobrecarregado de outras atividades.

Em síntese, o cuidado substituto, na maioria dos casos, não é percebido como uma forma alternativa e voluntária que possibilita o investimento da mãe em outras áreas, que não somente a maternidade.

Portanto, questões muito importantes estruturaram-se neste momento de discussão e se referem a aspectos que posteriormente serão analisados, mas já merecem destaque:

- o desenvolvimento emocional das crianças mostrou-se relacionado à história familiar de cada uma;

- a creche se insere como um fator estabilizador

em famílias com dificuldades de se organizarem para o cuidado dos filhos;

- as situações ansiogênicas a que os pais se referem são o excesso de trabalho e pouco contato com os filhos.

Algumas conclusões já podem ser delineadas a partir desta primeira análise.

Neste grupo de mulheres o fator econômico de subsistência era o motivo aparente frente à necessidade de trabalhar, não havendo a verbalização quanto a uma preocupação sobre a escolha vocacional.

O tempo de convivência com os filhos é pequeno e sobrecarregado de tarefas do lar.

A maternidade se insere num contexto conflituoso pois há dificuldades na expressão dos sentimentos de cuidado dos filhos e acompanhamento de seu desenvolvimento.

A creche é sentida como um apoio frente aos problemas de infra-estrutura familiar e uma garantia de que pelo menos "a criança é limpa, cuidada e alimentada".

4.2 - Análise do Grupo B (mães que não trabalham fora do lar)

O Grupo B era constituído por mães que não exerciam nenhuma atividade de trabalho fora do lar.

Como já foi mencionado, estas mães foram selecionadas em uma pré-escola com 170 alunos. Foi interessante observar que somente dezoito mães preenchiam as condições exigidas em toda a pré-escola.

Neste grupo de mães, dezesseis delas verbalizaram não sentirem necessidade de trabalhar e nem terem preocupação com carreira profissional "porque os filhos absorviam todo o tempo disponível". Consideravam muito absorvente a tarefa de cuidar das crianças e acreditavam que o papel da mãe como pessoa provedora de carinho, atenção e cuidados, era único. Não confiavam em cuidados substitutos adequados a não ser de parentes: avós, tias ou suas próprias irmãs.

Estas verbalizações espontâneas conferem com um estudo similar realizado por Hock (1980) onde, através de entrevistas e questionário (escala de atitudes maternal), obteve alguns "atributos maternos interessantes". As mães que trabalhavam diferiam das que não trabalhavam em duas medidas. As mães que não trabalhavam tiveram uma alta pontuação no fator definindo que os cuidados da criança são exclusivamente próprios para a mãe. Além deste, tiveram expressiva pontuação no fator indicativo de maior dependência dos demais para ajuda e auxílio nas tomadas de decisões.

No presente estudo, um possível indicador de dependência seja o pequeno número de duas mães que verbaliza

ram desejo de trabalhar, após o amadurecimento dos filhos. Também o fato de outras duas mães que, após o nascimento de seu primeiro filho, deixaram de trabalhar, por considerarem incompatível trabalho x maternidade.

As demais nunca trabalharam e não verbalizaram tal desejo.

Este grupo de mães dedica-se então ao cuidado dos filhos, não ocorrendo nenhuma menção individual considerando esta situação frustrante ou cansativa. Mesmo as que ambicionavam exercer uma atividade definiam como adequado e importante o fato de estarem se dedicando aos filhos, nesta fase atual de suas vidas.

Em termos financeiros, eram dependentes do marido e aqui reside uma distinção importante do Grupo A.

A renda familiar, tanto do Grupo A como do Grupo B, oscilava entre sete a dez salários mínimos. Neste Grupo B, entretanto, toda esta renda era obtida pelo marido. Isto se torna muito importante ao considerarmos que as mães que não trabalhavam fora do lar não sentiam-se obrigadas a trabalhar, como foi verbalizado pelas mães do Grupo A, para obterem o status social que estavam habituadas.

Somente uma mãe verbalizou não desejar ter mais filhos (caso nº 13). Ela é mãe solteira e recebe pensão familiar para subsistência. As demais ou desejavam ter mais filhos ou já os tinham.

Neste grupo, nove mães verbalizaram ter sido a gravidez desejada e planejada, ou seja, metade do grupo.

Estes casos foram os de Leslie (nº 1), Cândida (nº 2), Beth (nº 6), Cleide (nº 9), Raquel (nº 10), Thaís (nº 12), Ângela (nº 16), Heloisa (nº 17) e Carla (nº 18).

O caso de Leslie (nº 1) foi um dos dois únicos casos em que a criança foi considerada como tendo Integração Fraca de Ego (caso discutido no item).

Esta mãe verbaliza ter desejado e planejado a gravidez, mas ter sentido muitas dificuldades posteriores, com episódios de depressão. O menino Henrique está em atendimento psicoterápico devido a suas dificuldades.

Cândida (caso nº 2) verbaliza muita satisfação pela gravidez de Sibelle. Acha que foi muito fácil cuidá-la, pois já era a terceira filha e se sentia muito segura. Nesta ocasião moravam em outro país, retornando ao Brasil quando a menina completou um ano.

Beth (nº 6) diz que a gravidez foi esperada. Era o primeiro filho do casal e estavam com muitas expectativas. Refere que tudo correu bem, até dois meses depois do nascimento de Laura. Entretanto, engravidou novamente sem o planejar e diz que ficou nervosa. Laura apresentou no teste CAT um desempenho compatível com a classificação Boa Integração de Ego.

Cleide (nº 9), mãe de Marcus, também verbaliza

ter tido uma boa gravidez e considera "que seu filho está muito bem, só um pouco ciumento dos dois irmãos menores". Diz que dedica-se muito aos três levando-os à escola e ainda a um Centro de Artes Plásticas, onde aprendem a pintar e modelar. Acha muito importante estas atividades, pois acredita que a criança precisa de muita estimulação e uma vida rica em experiências.

Raquel (nº 10) refere que Sônia é sua terceira filha. Combinara com o marido que seria sua última gravidez. Por isto, diz que aproveitou cada momento passado. A gravidez foi boa, bem como o parto. Após dois meses do nascimento de Sônia engravidou novamente. Acha que ficou muito nervosa e tensa neste período.

Dedica-se muito aos filhos, levando-os nas atividades que realizam, auxiliando nas tarefas escolares.

Thaís (caso nº 12) engravidou logo após o casamento pois desejavam muito um filho. É muito interessada na menina Paula, procurando ler revistas especializadas para lhe dar melhor educação. Sente que a maior parte da educação e envolvimento recai em sua responsabilidade e que o marido não se envolve muito.

O caso de Ângela (nº 16) difere dos demais no sentido de que a mãe é estéril e adotou Maria Helena. Refere que as dificuldades iniciais de adaptação em cuidar de um bebê foi logo superada. Diz que são apaixonados pela menina e ficaram tão satisfeitos com a experiência que adota

ram outra.

Heloisa (nº 17) conta que trabalhou até Janice nascer. Ela e o marido conheceram-se na universidade e trabalharam juntos. Quando nasceu a menina achou impossível retornar ao trabalho e ficar fora de casa todo o dia. Não tem parentes na cidade e só conta com o marido. Está satisfeita com este arranjo e só pretende trabalhar depois que tiver mais filhos e estes crescerem.

Carla (nº 18) terminou a faculdade, casou-se e teve Márcio. Nem pensou em procurar emprego. Achou melhor ficar com o menino.

A outra metade do grupo verbalizou não ter planejado a gravidez. As mães foram: Mari (nº 3), Marina (nº 4), Elaine (nº 5), Ana Maria (nº 7), Tânia (nº 8), Sandra (nº 11), Wanda (nº 13), Helen (nº 14) e Marilena (nº 15).

Wanda (nº 13) é o caso de uma mãe solteira. Na verdade, Mirna é sua terceira filha. A mãe teve companheiros casuais de quem engravidou. Diz ter dificuldades cognitivas, "que nunca conseguiu aprender muita coisa" e não trabalha em nada específico. Recebe uma pensão que lhe permite subsistir de boa maneira. Após o nascimento de Mirna teve um problema muito grave de saúde e não pôde cuidar da filha. Esta foi para casa de uma tia durante o primeiro ano de vida. Wanda tinha contatos esporádicos com a menina. Refere certo atraso em seu desenvolvimento: fala e controle dos esfíncteres. A família pensa em encaminhar Mirna pa

ra um atendimento especializado pois há referências na escola de muita timidez e participação reduzida nas atividades.

No teste CAT, Mirna confirmou a existência de situações conflituosas com relação a ansiedade de separação.

Mari (nº 3) conta que nenhum de seus dois filhos foi planejado. Quando percebia estava grávida, ficando no princípio um pouco nervosa, mas depois aceitando bem. Considera o desenvolvimento da menina adequado, nunca apresentou dificuldades. Atualmente, há questão de seis meses, tem observado que ela chora muito, começou a roer unhas e a gaguejar. Este quadro referido pela mãe foi evidenciado no teste CAT.

Tânia (nº 8) foi um caso muito sério pois relata que teve psicose puerperal após o nascimento de Patrícia. A menina ficou aos encargos da avó, que, segundo a mãe, foi uma pessoa maravilhosa que atendeu muito bem sua filha. Tânia fez tratamento psicoterápico, recuperou-se e refere que sua maior satisfação foi retomar os cuidados da menina. Sabe que a menina sofreu com toda esta situação, tanto é que é muito tímida e insegura.

Todos os três casos comentados acima referem-se a crianças que obtiveram Integração Regular de Ego, em função de conflitos interferindo no processo de amadurecimento.

O caso de Marina (nº 4) foi o segundo caso considerado como Integração Fraca de Ego.

Marina relata que Fúlvio nasceu após anos de seu último filho. Desde o princípio houveram dificuldades com relação a seu desenvolvimento. Os médicos consideravam o menino ótimo, mas em casa chorava muito, não comia. Acha que uma possível explicação é o fato dela e o marido brigarem muito. O menino apresenta certas dificuldades e ela está pensando em procurar especialista: dislalia por supressão e não controla a urina durante o dia.

Nos demais casos as crianças foram consideradas com Boa Integração de Ego.

Elaine (nº 5) diz que engravidou sem planejar. A gravidez foi ótima e apesar de algumas dificuldades no parto, dedicou-se muito ao filho e o menino é muito saudável, esperto e inteligente. Relacionam-se bem na família.

Ana Maria (nº 7) diz que é muito preocupada com a educação dos filhos. Às vezes, sente-se insegura nas decisões que tem de tomar. Considera muito bom o desenvolvimento de seu filho e que ela e o marido conversam bastante sobre a educação que lhe proporcionam.

Sandra (nº 11) engravidou dois meses após o casamento. A princípio estranhou muito toda a modificação que ocorreu em sua vida e ficava um pouco nervosa. Cuida dos filhos e procura lhes proporcionar muita atenção e cari-

nho. Raul é uma criança ótima e não vê nenhum aspecto que a preocupe.

Helen (nº 14) também refere uma gestação tranquila e um ótimo relacionamento com Margot. Passeiam muito com a filha nos fins-de-semana e procuram lhe proporcionar bastante contato com a natureza, atitude que acham muito importante.

Marilena (nº 15) comenta que a gravidez foi planejada somente por ela. Isto é, engravidou sem o marido saber que parara com o anticoncepcional que utilizava. Diz que o marido estava satisfeito com os dois filhos que tinham, mas ela queria mais um. Quando lhe contou, ele ficou muito satisfeito e contente esquecendo completamente de sentir-se inseguro para ter outro nenê. Acha que "mimam" muito o filho por ser o último. Notam, inclusive, que ele se frustra muito facilmente por causa disto.

No Grupo B todas as crianças consideradas com Boa Integração de Ego tinham relação satisfatória com suas mães.

Com relação insatisfatória com a mãe houveram cinco casos, sendo que três crianças com Integração Regular de Ego e duas com Integração Fraca de Ego.

Analisando as verbalizações deste grupo de mães se observa que a maternidade exercia um papel muito importante, sendo valorizada como função. Sentiam-se sintonizadas com as atividades que exerciam ao cuidar dos filhos e

pareciam mais identificadas neste papel.

Com exceção de três mães, todas as demais possuíam empregada doméstica que as auxiliava no trabalho da casa, sendo o tempo disponível dedicado aos filhos.

Outra característica importante se refere ao fato de somente uma mãe mencionar brigas constantes de casal, caso nº 4.

Aparentemente, este fato pode ser julgado como indicador de harmonia familiar. Entretanto, pode-se levantar a questão de que uma característica deste grupo de mães é uma maior aceitação da dependência externa em geral.

Estando identificadas com este papel o número de conflitos é mais reduzido e a organização familiar se estrutura e funciona mais agilmente do que no Grupo A.

A figura da mãe, neste grupo, é um estabilizador dos conflitos, visto que permanecendo no lar exerce um papel organizador na família.

Novamente, algumas conclusões já se destacam neste grupo:

- as mães estão, no momento atual, identificadas com a função de cuidar dos filhos;

- não há evidências de interesse profissional;

- demonstraram características de maior dependência;

- assumem a organização da infra-estrutura familiar, diminuindo os conflitos e "stress" relativos a estes problemas.

Deve ser observado que esta situação particular deste grupo não tem a conotação de afirmar que ocorre maior estabilidade nestes casais. Ao contrário, o equilíbrio atual familiar pode ser interpretado em função da dedicação exclusiva das mães a seus filhos, que realmente necessitam de cuidados. Entretanto, num momento evolutivo posterior, quando os filhos estiverem mais independentes, esta situação pode se modificar.

4.3 - Síntese

As características básicas de cada grupo se organizaram sinteticamente nos seguintes pontos, no Grupo A:

- houve um número de quinze casos com Relação In satisfatória;

- houve um número de onze casos de crianças com Integração Regular e Fraca de Ego;

- as mães verbalizaram sentimentos de frustração frente ao acúmulo de trabalho (emprego e lar), pouco acom-

panhamento e convívio com os filhos, insatisfação no trabalho.

No Grupo B:

- houve um número de treze casos com Relação Satisfatória;

- houve um número de seis casos de crianças com Integração Regular e Fraca de Ego;

- as mães verbalizaram sentimentos de adaptação à função de cuidar dos filhos, convicção de que o cuidado adequado dos filhos é exercido somente pela mãe, características de maior dependência externa.

Pela análise dos casos do Grupo A se pode observar que em termos de organização e estrutura familiar, as mães demonstraram a existência de situações conflituosas interferindo na vida familiar em geral. Estas situações, a nível concreto, referiam-se à organização do lar propriamente dita, ao cuidado dos filhos e à necessidade de trabalhar durante oito horas diárias no serviço.

Como a renda não permitia uma infra-estrutura doméstica (empregados, babás) para o auxílio nas diversas atividades, é possível confirmar que neste Grupo ocorria maiores dificuldades e "stress" na vida do casal, a fim de atender as exigências da rotina diária.

Isto influencia totalmente a disponibilidade do

casal para os filhos, não somente em termos de quantidade de horas disponíveis, mas como da disponibilidade afetiva para usufruir com os filhos, após um dia de trabalho.

A nível afetivo, houve um número expressivo de casais em que sua história pregressa e atual evidenciaram crises mal resolvidas, gravidez tumultuada e problemática. Estatisticamente, não houve significância desta incidência de casos com relação insatisfatória, avaliada somente a partir deste grupo.

Numa ótica bem mais específica, pode-se verificar que neste grupo houve um maior número de mães ou mesmo casais passando por momentos de crise afetiva com relação aos novos papéis de fase adulta: casamento, vida sexual, maternidade e paternidade, o trabalho; em função da estrutura de personalidade de cada caso.

A maternidade é uma repetição e elaboração das vivências infantis, correspondentes às experiências afetivas vividas com a própria mãe e o pai, num processo de identificação muito complexo e importante (Langer, 1978; Klein, 1970). Desta forma, cada caso também deve ser considerado nesta ótica particular, onde cada indivíduo tem a sua história e cada criança-filho, neste sentido, tem sua significação particular.

Somente após considerar estes planos de análise é que se pode discutir a influência da permanência em creches no desenvolvimento emocional das crianças.

A creche é uma variável que surgirá na história de cada criança, após toda "uma história" já existente desde a ligação afetiva dos pais. Assim, em alguns casos a influência será benéfica sobre o desenvolvimento emocional e noutros casos não.

Como foi visto, através dos casos estudados, para muitos deles, a creche era um organizador e estabilizador da família, visto as dificuldades internas afetivas dos pais em cuidar dos filhos, como das dificuldades financeiras de se organizarem.

Reside aí a explicação do menor número de casos com Relação Insatisfatória do Grupo B, visto as mães terem tido a chance de optar entre a maternidade e o trabalho e parecem estar mais identificadas com o papel que assumiram. Mesmo tendo características de dependência e pouca dedicação e interesses próprios, que não os filhos.

Desta maneira, houve um alto nível de significância ao se entrecruzar as variáveis relação mãe-filho x desenvolvimento emocional. A indicação de que o desenvolvimento emocional está originado na relação mãe-filho predominou sobre a situação mãe que trabalha fora do lar e mãe que não trabalha.

O desempenho das crianças no teste CAT seguiu a linha geral desta discussão. As crianças com desenvolvimento emocional adequado eram provenientes, na maioria dos casos, das famílias mais estruturadas afetivamente.

Com isto, não se quer dizer que a creche tenha um papel decorativo na vida infantil. Muito ao contrário, justamente pensando-se neste sentido a creche se reveste de uma função socializadora incomparável. É ela que recebe as crianças para uma convivência diária de mais de 8 horas (neste estudo principalmente), convivendo a maior parte do tempo. É justamente neste convívio diário que a criança estabelece relações, expressará seus conflitos e ansiedades.

Considerando-se ainda o aspecto de que a maioria dos estudos realizados foram feitos em centros de atendimento de altíssima qualidade, justifica-se a preocupação quanto ao desenvolvimento emocional destas crianças.

No presente caso, as condições mínimas consideradas por Rutter (1981) não estavam sendo satisfeitas devido ao grande número de horas que as crianças permaneciam na creche e o pouco convívio com os pais. Confirma-se assim que estas condições citadas pelos autores devem ser respeitadas e, portanto, a criança deve ter um convívio afetivo com os pais adequado, atendendo suas necessidades.

O objetivo deste trabalho de verificar a influência sobre o desenvolvimento emocional de crianças cuidadas em creche ou em casa foi alcançado.

Verificou-se que o desenvolvimento emocional se estrutura a partir da relação mãe-filho (família em geral) e que a utilização ou não de cuidados substitutos (creche)

não é necessariamente determinante de interferências negativas neste desenvolvimento, desde que esta relação seja satisfatória. Pesa, anteriormente, toda a história familiar em termos afetivos. Também importantes são as condições mínimas para a utilização das creches, quanto à idade de ingresso, número de horas adequado de permanência, a possibilidade da mãe optar sobre sua disponibilidade para o trabalho, enfim, o respeito a uma série de fatores, já abordados, indispensáveis para o desenvolvimento afetivo.

5 - CONCLUSÃO E SUGESTÕES

A partir da análise dos resultados é possível ve
rificar que a permanência ou não em creches não é fator de
terminante no desenvolvimento emocional de crianças prove-
nientes de famílias que utilizam este cuidado substituto,
na faixa etária estudada. Entretanto, alguns fatores devem
ser considerados:

- houve um maior número de casos de mães com re-
lação insatisfatória com seus filhos, bem como de crianças
com Integração Regular e Fraca de Ego, no Grupo A (mães que
trabalham fora do lar);

- considerando-se a amostra total, houve associa-
ção significativa entre desenvolvimento emocional e rela-
ção mãe-filho.

Portanto, a relação mãe-filho (família) é o fa-
tor principal no desenvolvimento emocional das crianças. O
Grupo A (mães que trabalham fora do lar) apresentou um
maior número de casos com relação insatisfatória do que o
Grupo B (mães que não trabalham fora do lar), devido a fa-
tores afetivos que interferiam na organização familiar em
geral. A creche assumia um papel organizador na família ou

não, conforme o caso.

Mesmo no Grupo B, onde a mãe convivia com a criança, houve casos de relação insatisfatória e de Integração Regular e Fraca de Ego. O menor número de casos se deve a uma maior integração familiar.

Dai, se conclui que a permanência em creches e sua relação com o desenvolvimento emocional é influenciada a partir da relação mãe-filho. Sendo esta relação mais importante, condições mínimas devem ser respeitadas para o êxito deste vínculo, quando da utilização deste cuidado substituto. A criança deve permanecer um número adequado de horas, permitindo um convívio afetivo com os pais; devem ser respeitados os interesses maternos, tanto profissionais como de convívio com seus filhos.

Portanto, a questão da permanência em creches, conforme mencionado na Introdução deste trabalho, se insere em vários níveis de análise.

No presente caso, esta análise objetivou particularmente a relação mãe-filho e o desenvolvimento emocional, mas não deve ser omitido que esta relação se insere num contexto maior, de aspecto social, referente à situação da mulher que trabalha e o problema do cuidado dos filhos.

As sugestões para trabalhos e pesquisas nesta área podem ter como ponto de referência:

- investigação do tema com diferentes faixas etá-
rias, principalmente com crianças menores de dois anos;

- investigação do tema em diferentes níveis de
renda familiar;

- investigação do tema considerando uma análise
social mais ampla;

- investigação do tema com crianças com outro ti-
po de cuidado substituto, que não creches, por exemplo.

O assunto é extenso e complexo tendo inúmeras ou-
tras áreas de investigação muito importantes e necessárias
para orientar os profissionais que trabalham neste campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABERASTURY, Arminda. Psicanálise da criança - teoria e técnica. Porto Alegre, Artes Médicas, 1982.
2. ABREU, Alice de Paiva. Mão-de-obra feminina e mercado de trabalho no Brasil. Boletim Técnico do SENAC, São Paulo, 3(1):5-19, jan-abr. 1977.
3. AINSWORTH, M.D.S. & WITTING, B.A. Attachment and exploratory behavior of one-year-olds in a strange situation. In: BELSKY, J. & STEINBERG, L.D. The effects of day care: a critical review. Child Development, 49:929-49, 1978.
4. BANDURA, A. & WALTERS, R.H. Social learning and personality development. New York, Holt, 1963.
5. BLEHAR, M. Axions attachment and defensive reactions associated with day care. Child Development, 45:683-92, 1974.
6. BELLAK, L. & BELLAK, S. Teste de apercepção infantil. São Paulo, Mestre Jou, 1981.
7. BELSKY, J. & STEINBERG, L.D. The effects of day care: a critical review. Child Development, 49:929-49, 1978.
8. BRENNER, Charles. Noções básicas de psicanálise. Introdução à psicologia psicanalítica. São Paulo, Ed. Universidade de São Paulo, 1975.
9. CAMPOS, Maria M.M. Assistência ao pré-escolar: uma abordagem crítica. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 28:51-9, 1979.
10. CAMPOS, Maria M.M. et alii. A creche e a pré-escola. I Conferência Nacional de Educação. Mesa Redonda da PUCSP, 1980. In: Cadernos de Pesquisa, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 30:35-42, 1981.
11. COCHRAN, A. A comparison of group day and family child - rearing pattern in Sweden. Child Development, 48:702-7, 1974.

12. COHEN, S. Maternal employment and mother - child interaction. Meryl Palmer Quarterly, 24:189-97, 1978.
13. DUARTE, Inúbia A. Relação entre formas de brinquedo infantil e respostas ao CAT-A. Tese de Mestrado. Porto Alegre, PUCRS, 1976.
14. ERIKSON, Erik. Identidade, juventude e crise. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
15. EDWARDS, Allen. Techniques of attitude scale construction. New York, Appleton Century Crofts Inc, 1957.
16. FOX, N. Attachment of kibbutz infants to mother and metapelet. Child Development, 48:1228-39, 1977.
17. FREUD, Anna. An experiment in group upbringing. In: LAVATELLI, C.S. & STENDLER, F. Readings in child behavior and development. New York, Harcourt Brace Jovanovich, 1972.
18. FREUD, Sigmund. Obras completas. Rio de Janeiro, Imago, s.d.
19. HEIMANN, Paula. Certas funções da introjeção e da projeção. In: KLEIN et alii. Os progressos da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
20. HETHERINGTON, E. et alii. Child Psychology - a contemporary viewpoint. New York, McGraw Hill Book Co., 1975.
21. HOCK, Ellen. Working and nonworking mothers and their infants: a comparative study of maternal caregiving characteristics and infant social behavior. Meryl Palmers Quarterly, 26:79-101, 1980.
22. KLEIN, Melanie. Inveja e gratidão. Rio de Janeiro, Imago, 1974.
23. _____. A psicanálise da criança. São Paulo, Mestre Jou, 1981.
24. KLEIN, Melanie & RIVIÉRE, Joan. Amor, ódio e reparação. Rio de Janeiro, Imago, 1970.
25. KOHLBERG, Lawrence. Early education: a cognitive - development view. In: LAVATELLI, C.S. & STENDLER, F. Readings in child behavior and development. New York, Harcourt Brace Jovanovich, 1972.
26. LANGER, Marie. Maternidad y sexo. Buenos Aires, Paidós, 1978.

27. MACRAE, J. & HERBERT-JACKSON, E. Are behavioral effects of infant day care program specific? Development Psychology, 12:269-70, 1976. In: RUTTER, Michael. Social emotional consequences of day care for preschool children. American Journal of Orthopsychiatry, 51:4-28, 1981.
28. MAHLER, Margareth et alii. O nascimento psicológico na criança - simbiose e individuação. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.
29. MIRANDA, Glaura V. A educação da mulher brasileira e sua participação nas atividades econômicas em 1970. Cadernos de Pesquisa, Rio de Janeiro, 15:21-46, 1975.
30. MOSKOWITZ, D. et alii. Initiating day care at three years of age: effects on attachment. Child Development, 48:1271-76, 1977.
31. MUSSEN, Paul H. O desenvolvimento psicológico da criança. Rio de Janeiro, Zahar, 1966.
32. NAGERA, Humberto. Neurosis infantil - problemas del desarrollo. Buenos Aires, Hormé, 1965.
33. PIAGET, Jean. A linguagem e o pensamento na criança. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1976.
34. PORTNOY, F. & SIMMONS, C. Day care and attachment. Child Development, 49:239-42, 1978.
35. RAGOZIN, A. Attachment behavior of day care children: naturalistic and laboratory observations. Child Development, 51:409-15, 1980.
36. RUTTER, Michael. Social emotional consequences of day care for preschool children. American Journal of Orthopsychiatry, 51:4-28, 1981.
37. SAFFIOTI, Heleieth I.B. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. São Paulo, Quatro Artes, 1969.
38. SCHACHTER, Frances F. Toddlers with employed mothers. Child Development, 52:958-64, 1981.
39. SCHWARZ, J.; STRICKLAND, R. & KROLICK, G. Effects of early day care experience on adjustment to a new environment. American Journal of Orthopsychiatry, 43:340-6, 1973.
40. SEGAL, Hanna. Introdução à obra de Melanie Klein. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

41. SINGER, L. & WATERS, E. Attachment as an organizational construct. Child Development, 48:1184-99, 1977.
42. SINGER, Paul I. & MADEIRA, F. Estrutura de emprego e trabalho feminino no Brasil. 1900-1970. Cadernos CEBRAP, São Paulo, nº 13, 1973.
43. SKINNER, B.F. Ciência e comportamento humano. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1970.
44. SPITZ, Renée A. El primer año de vida del niño. Madrid, Aguillar, 1974.
45. STROUFE, L. & WATERS, E. Attachment as an organizational construct. Child Development, 48:1184-99, 1977.
46. WHITING, John W.M. et alii. Field guide for a study of socialization. Vol. I Six Culturas Series. John Wiley and Sons Inc., New York, 1966.
47. WINNICOTT, D.W. La familia y el desarrollo del individuo. Buenos Aires, Hormé, 1967.

ANEXO 1

PROTOCOLO CORREÇÃO DO TAT

1 - Imagem (interior do Ego)

- 1.1 - herói adequado
- 1.2 - herói inadequado
- 1.3 - desfecho feliz
- 1.4 - desfecho infeliz
- 1.5 - desfecho indeterminado
- 1.6 - desfecho realista
- 1.7 - desfecho irrealista
- 1.8 - controle apropriado dos impulsos
- 1.9 - controle inapropriado
- 1.10 - pensamento estereotipado
- 1.11 - pensamento original
- 1.12 - pensamento apropriado
- 1.13 - pensamento inapropriado
- 1.14 - pensamento incompleto ou completo

2 - Meio ambiente

- 2.1 - favorável ou não

3 - Conflitos

- 3.1 - impessoal
- 3.2 - interpessoal
- 3.3 - intrapessoal

4 - Ansiedades

- 4.1 - abandono
- 4.2 - morte
- 4.3 - insegurança
- 4.4 - dependência
- 4.5 - voracidade
- 4.6 - incapacidade
- 4.7 - agressão
- 4.8 - doença
- 4.9 - competição

5 - Superego

- 5.1 - castigo imediato
- 5.2 - castigo mediato
- 5.3 - castigo justo
- 5.4 - castigo injusto
- 5.5 - castigo severo
- 5.6 - castigo benévolo
- 5.7 - pausas